

Projeto de Restauro: Residência Olympio de Freitas Costa

Edmundo Paulino de Carvalho Neto
Orientadora: Marília B. T. Vale



Projeto de Restauro: Residência Olympio de Freitas Costa
Uberlândia, MG

Monografia apresentada à Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, como parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso.

Edmundo Paulino de Carvalho Neto

Orientadora: Prof. Dr^a. Marília Maria Brasileiro Teixeira Vale

Março de 2017

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Residência Olympio de Freitas Costa, 2017. Fonte: Autor.	9
Figura 2 – Antiga Matriz de Nossa Senhora do Carmo, sem data. Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.	13
Figura 3 – Antiga Praça da Cavalhada, década de 1920. No centro, residência eclética e ao fundo torres da antiga Matriz, ambos já demolidos. Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.	15
Figura 4 – Coreto da Praça Clarimundo Carneiro, construído entre 1926 e 1927. Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Coleção Roberto Cordeiro.	16
Figura 5 – Atual Casa da Cultura na época de sua construção, 1922. Fonte: http://especializado.jor.br/memorias-de-uma-casa/	18
Figura 6 – Casa da Cultura após restauração ocorrida entre 2005 e 2006. Pode-se notar a ampliação provavelmente construída entre as décadas de 1940 e 1950 na lateral esquerda da fachada principal, 2017. Fonte: Autor.	18
Figura 7 – Companhia de Força e Luz (atual Oficina Cultural), 1929. Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.	19
Figura 8 – Oficina Cultural, 2017. Fonte: Autor.	19
Figura 9 – Palácio dos Leões, inaugurado em 1917 (atual Museu Municipal de Uberlândia). Fonte: http://gazetadotriangulo.com.br/tmp/colunas/nascimento-da-telefonica-em-uberabinha-e-uberlandia/	20
Figura 10 – Museu Municipal de Uberlândia, 2017. Fonte: Autor.	20
Figura 11 – Colégio Uberabinha (atual Escola Estadual de Uberlândia). Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Coleção Roberto Cordeiro, nº 824.	21
Figura 12 – Escola Estadual de Uberlândia, 2017. Fonte: Autor.	21
Figura 13 – Edifício Naguetini, construído entre 1925 e 1927. Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.	22
Figura 14 – Edifício Naguetini, 2017. Fonte: Autor.	22
Figura 15 – Residência Chacur, 1994. Fonte: Ficha de inventário de proteção do acervo cultural.	23
Figura 16 – Residência Chacur, 2017. Fonte: Autor.	23
Figura 17 – Museu Rodin Salvador, construção original. Fonte: http://dimusbahia.wordpress.com/tag/rodin/	31

Figura 18 – No interior, o teto com rebuscados afrescos e o piso de marchetaria foram preservados e restaurados. Fonte: http://www.galeriadaarquitectura.com.br/projeto/brasil-arquitetura_/museu-rodin-bahia/2799	31
Figura 19 – Área interna restaurada. Fonte: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/06.070/2721	32
Figura 20 - Croquis do anexo e intervenções feitas no museu. Fonte: http://brasilarquitectura.com/projetos/museu-rodin-bahia	32
Figura 21 – Implantação da construção original, o anexo proposto e a passarela de ligação entre os dois. Nota-se que em planta os edifícios apresentam-se quase com as mesmas dimensões, de forma que o edifício novo não se sobrepõe ao antigo. Fonte: http://www.brasilarquitectura.com/projetos.php?mn=6&img=002&bg=dwg&mn2=79 ; com intervenções do autor.	33
Figura 22 - Relação de gabarito, em que o edifício novo, à esquerda, é mais baixo do que o existente. Fonte: http://www.brasilarquitectura.com/projetos.php?mn=6&img=004&bg=dwg&mn2=79 .	33
Figura 23 – Edifício eclético, à frente, e anexo em estrutura de concreto aparente, ao fundo. Fonte: http://brasilarquitectura.com/projetos/museu-rodin-bahia	34
Figura 24 – Vista da escola. Podem-se perceber os materiais utilizados. Fonte: http://www.archdaily.com/100778/culinary-art-school-gracia-studio	35
Figura 25 – Interior de uma das salas de aulas práticas. Fonte: http://www.archdaily.com/100778/culinary-art-school-gracia-studio	36
Figura 26 – Planta baixa do primeiro pavimento mostrando os dois blocos e a praça central. Fonte: http://www.archdaily.com/100778/culinary-art-school-gracia-studio ..	36
Figura 27 – Vista da rua para a escola mostrando o acesso ao pátio central que interliga os dois volumes. Fonte: http://www.archdaily.com/100778/culinary-art-school-gracia-studio	37
Figura 28 – Croqui das visadas feito pelo arquiteto do projeto. Fonte: http://www.archdaily.com/100778/culinary-art-school-gracia-studio	37
Figura 29 – Panos de vidro. Fonte: http://www.culinaryartschool.edu.mx/galeria/	38
Figura 30 – Implantação da Residência Olympio de Freitas Costa no lote. Fonte: Elaborado pelo autor.	39
Figura 31 – Membros da família Freitas Costa na escadaria de entrada, 1960. Podem-se observar os detalhes originais do guarda corpo do alpendre, assim como suas colunas. Fonte: Acervo pessoal de Línea Resende.	40
Figura 32 – Detalhes do mobiliário do salão nobre e da pintura ao fundo, 1960. Fonte: Acervo pessoal de Línea Resende.	40
Figura 33 – Detalhe da pintura do salão nobre, 1960. Fonte: Acervo pessoal de Línea Resende.	41

Figura 34 – Planta esquemática mostrando o alpendre antes de ser demolido e indicando os usos da casa. Fonte: Elaborada pelo autor.	41
Figura 35 – Foto do imóvel funcionando como Colégio Objetivo, 1982. Detalhe para a varanda na esquina que ainda não havia sido fechada. Fonte: Acervo CDHIS-UFU, Coleção Bens Imóveis.	42
Figura 36 – Interior de uma das salas de aula do Colégio Anchieta, 1999. Detalhe para o forro de madeira ainda conservado e aparente. Fonte: Processo de Tombamento – Imóvel Rua Tiradentes, 77 – Colégio Anchieta. Trabalho acadêmico realizado na disciplina Técnicas Retrospectivas, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal de Uberlândia, 1999.	43
Figura 37 – Corredor no primeiro pavimento mostrando o piso tabuado de madeira, 2014. Fonte: Acervo pessoal do autor.	43
Figura 38 – Alpendre antes de ser demolido, 2014. Fonte: Acervo pessoal do autor. ...	44
Figura 39 – Guarda corpo do alpendre com adornos semelhantes aos da varanda da esquina. Ao fundo pode-se ver uma parte do anexo construído no antigo quintal, 2014. Fonte: Acervo pessoal do autor.	45
Figura 40 – Localização da Residência Olympio de Freitas Costa. Fonte: Google Maps; com intervenção do autor.	48

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa de Uberlândia em 1915. Fonte: Inventário e Diretrizes do Bairro Fundinho.	14
Mapa 2 – Mapa de localização dos remanescentes ecléticos citados, 2017. Fonte: Elaborado pelo autor.	17
Mapa 3 – Mapa mostrando os usos no bairro Fundinho. Fonte: Fundinho: Um bairro histórico para Uberlândia – Inventário e diretrizes especiais de uso e ocupação do solo; com intervenções do autor.	17

SUMÁRIO

Introdução	9
Ecletismo no Brasil	11
Arquitetura eclética em Uberlândia	13
Categorias de valor cultural	24
Teorias contemporâneas de restauração	27
Estudos de caso	30
Museu Rodin – Salvador, Brasil	30
Culinary Art School – Tijuana, México	35
Histórico do bem	39
Importância cultural do bem	46
Descrição e análise formal	48
Avaliação das condições físicas	51
Documentação fotográfica	53
Mapas de danos	64
Levantamento métrico arquitetônico	65
Proposta de intervenção – Restauro e novo uso	67
Listagem de serviços de restauro	71
Referências bibliográficas	73
Anexos	75
Ficha de inventário (2004)	
Croquis das plantas baixas (2014)	
Pranchas de projeto	

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo a apresentação do projeto de restauro da Residência Olympio de Freitas Costa, imóvel localizado na esquina das ruas Tiradentes e Vigário Dantas (consta como endereço: Rua Tiradentes, nº77), no bairro Fundinho da cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Construído na década de 1920, foi adquirido por Olympio de Freitas Costa, sendo herdado por seus filhos em 1958 e vendido em 1961. Além de moradia, a edificação também abrigou três colégios: Objetivo, Anchieta e Federal. Atualmente passa por reformas, sendo que certos elementos já foram demolidos.



Figura 1 – Residência Olympio de Freitas Costa, 2017. Fonte: Autor.

Em vista da descaracterização que sofre o bairro Fundinho, principalmente em direção à verticalização e transformação de usos tendentes ao comercial, o presente trabalho visa preservar um dos únicos exemplares conservados da arquitetura eclética em Uberlândia, que remete a um período histórico importante para a cidade. O entorno imediato ainda mostra características do início do século XX, tais como morfologia urbana (com ruas e calçadas estreitas) e densidade e gabarito baixos, que dialogam harmoniosamente com a

casa e mantém a ambiência original, de forma razoavelmente expressiva. Constatou-se que apesar de ter sofrido intervenções, principalmente relacionadas aos seus usos durante a história, o edifício ainda preserva características originais, tais como fachadas, implantação, afastamentos, esquadrias, piso tabuado e porão.

As etapas de trabalho compreenderam pesquisas do histórico do bairro Fundinho e da arquitetura eclética em Uberlândia; abordagem dos valores culturais do bem em questão; reflexão sobre as vertentes atuais de restauração; apresentação de estudos de caso; levantamento histórico da residência e seus usos e modificações ao longo do tempo; análise formal e avaliação de suas condições físicas; levantamento fotográfico do imóvel; levantamento métrico arquitetônico do bem; elaboração dos mapas de danos; além da proposta de novo uso.

A edificação ficou durante considerável tempo desocupada, fato que intensificou sua deterioração. Recentemente, os proprietários da residência decidiram reformá-la, de modo que a obra se encontra atualmente em andamento e por isso partes importantes foram alteradas ou até mesmo subtraídas.

A intenção do projeto é restaurar o edifício, um bem de importância arquitetônica fundamental para o enriquecimento cultural da cidade, de modo a recuperar seus valores e preservar sua memória histórica, contribuindo para a manutenção de sua identidade cultural. Para isso, um novo uso será proposto, funcionando como um local dedicado à gastronomia, com empório, café, espaços comerciais e também uma pequena escola de culinária.

Entende-se que manter um uso contemporâneo adequado às suas características físicas é fundamental para sua conservação, requalificando-o interna e externamente de forma a não comprometer sua integridade.

ECLETISMO NO BRASIL

O ecletismo significou, segundo Fabris (1993), a primeira modernização arquitetônica quando comparado aos estilos anteriores, uma vez que os reviu, colocando-os no presente de forma distinta, além de incluir importantes inovações tecnológicas que possibilitaram soluções plásticas e construtivas mais complexas. Fabris (1993, p.133) menciona ainda que, de acordo com o teórico Mignot, o ecletismo pode ser entendido como “duplamente retrospectivo e prospectivo”, pois novas técnicas e materiais de construção são experimentados concomitantemente com a redescoberta dos valores arquitetônicos de outrora, sempre ajustados às necessidades da época.

“Assiste-se nos bairros da classe média e mesmo em bairros mais populares ao surgimento de edificações estruturalmente simples, mas marcadas por detalhes decorativos, que sintetizavam as aspirações de prestígio e ascensão social de seus habitantes e a vontade de contribuir, na medida do possível, à qualificação e ao embelezamento da cidade, patrimônio comum imaginário de toda a sociedade.” (FABRIS, 1993, p.139).

De acordo com Lemos (1989), a transformação da técnica alterou o partido e o esquema de circulação das residências, rompendo com o modelo colonial. Dessa maneira, uma nova forma de implantação se estabeleceu, com recuos laterais e o fim das alcovas, modificando o agenciamento dos espaços, que passaram a se caracterizar pela hierarquização decorativa dos ambientes e pela tripartição, onde a área social era muito valorizada.

“A par de novos partidos, nova ornamentação, novos estilos. Era o ecletismo. Era, principalmente, o neoclássico totalmente despoliciado que chegou ao desregramento. Era o apelo à imaginação. Era a recriação.” (LEMOS, 1989, p.50).

Segundo Reis Filho (2000), as residências eram elevadas da rua cerca de um a dois metros (criando-se aí o porão), chegava-se por uma escada à sala da frente reservada às visitas, tendo uma porta que se abria para o patamar à esquerda ou à direita de quem subia. A iluminação diurna era feita por meio de grandes esquadrias (com altura que chegava a até dois pavimentos), clarabóias ou balcões.

“Assim, as construções que empregavam essas novidades, passaram a ostentar uma melhor qualidade técnica, associados a preocupações com a higiene das habitações e cuidados estéticos mais elaborados, como pisos de tábuas de madeira com dimensões regulares, forros de madeira, janelas com venezianas e vidros, uso de bandeiras em portas e janelas.” (VALE, 2004, p.56 e 57).

O surgimento da arquitetura eclética tem em suas razões muito a ver com a nova classe dominante do final do século XIX e início do século XX, que tratou de introduzi-la na cidade devido a seus anseios por demonstrações de status. Por ser uma importante manifestação deste estilo, a fachada dos edifícios ecléticos muito se utilizou da monumentalidade, da expressividade e da magnificência, numa atitude anti-colonial, sendo que as soluções espaciais e estéticas empregadas serviram tanto às novas construções quanto às reformas dos antigos casarões. Entretanto, é importante ressaltar que o ecletismo não deve ser entendido como puramente decorativo, já que seu grande valor está na técnica.

“O que a atitude poliestilística do ecletismo denota não é apenas um fato artístico, mas uma nova organização social e cultural, que põe fim a toda e qualquer idéia de unidade para apontar para o múltiplo, o diversificado, para privilegiar o instável e o relativo em detrimento do absoluto e do eterno. Sua metodologia fundamental consiste na decupagem, na concepção da arquitetura como linguagem dotada de valores simbólicos e emotivos que deveriam ser transmitidos a todas as camadas da sociedade.” (FABRIS, 1993, p.134).

ARQUITETURA ECLÉTICA EM UBERLÂNDIA

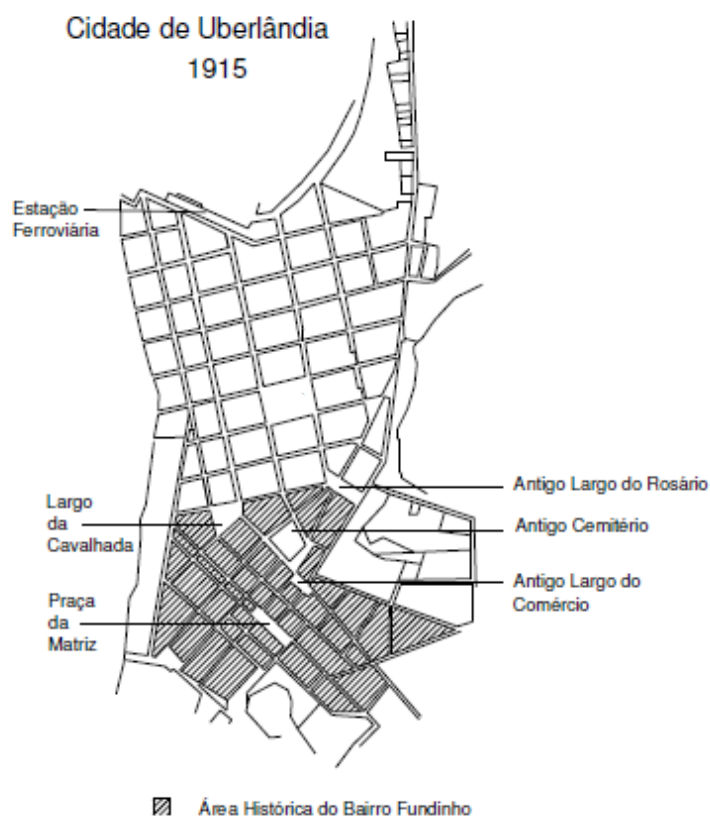
Uberlândia é uma cidade localizada no Estado de Minas Gerais, região do Triângulo Mineiro, com população estimada em torno de 670.000 habitantes, de acordo com dados do IBGE de 2016. Tem sua origem no arraial de São Pedro do Uberabinha e graças a sua característica de entreposto comercial, desenvolveu-se e tornou-se município no ano de 1892.

O núcleo urbano inicial corresponde à área do atual bairro Fundinho, que se constituiu em torno da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, próximo ao ribeirão São Pedro (que hoje se encontra canalizado sob a Avenida Rondon Pacheco). Sua implantação tem traçado com relativa regularidade adaptado à topografia e não deixa de seguir características do urbanismo português, pois como elucida Teixeira (2012): *“A cidade portuguesa evidencia uma variedade de influências de diferentes períodos históricos, expressando a simbiose de duas referências culturais fundamentais: a articulação com o território, herança da cultura mediterrânica, reforçada mais tarde pela presença muçulmana, e a geometria e a regularidade, herança da cultura romana.”* (TEIXEIRA, 2012, p. 279).



Figura 2 – Antiga Matriz de Nossa Senhora do Carmo, sem data. Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Área de formação original da cidade, o Bairro Fundinho concentrou durante muitos anos as atividades de comércio, serviço e residências (especialmente das classes mais abastadas) do povoado. Em 1895, com a implantação da Estação Ferroviária da Companhia Mogiana a 6km de distância na direção noroeste, uma nova orientação de crescimento do município foi iniciada.



Mapa 1 – Mapa de Uberlândia em 1915. Fonte: Inventário e Diretrizes do Bairro Fundinho.

No que diz respeito à arquitetura, as primeiras décadas do século XX, na cidade de Uberlândia, foram marcadas por influências do neoclássico e, principalmente, do eclético, quando os partidos e técnicas construtivas que empregavam madeira e barro foram substituídos pela utilização da alvenaria autoportante de tijolos maciços. A difusão do estilo eclético no interior do país aconteceu em conjunto à propagação do uso da alvenaria autoportante de tijolos maciços, de platibandas e de colunas com capitéis adornados.

Como explicitado por Vale (2004), o Código Municipal de Posturas, de 1913, e a Lei nº 231, de 1919, estabeleceram medidas a serem adotadas com relação a afastamentos, altura de pés direitos, simetria construtiva e quantidade de portas e janelas. Mesmo assim, as

novas edificações permaneceram com certas características da implantação tradicional, de modo que somente os recuos laterais foram adotados, ou seja, a fachada principal ainda se mantinha sobre o alinhamento frontal da via.

A antiga Praça da Cavallhada (atual Praça Coronel Carneiro) é um dos locais onde o estilo eclético se fez presente de forma marcante nos primórdios da cidade, assim como a atual Praça Clarimundo Carneiro, onde se localiza a antiga Câmara Municipal ou Palácio dos Leões (atual Museu Municipal de Uberlândia), de 1917, imóvel que traduzia a imponência almejada pelos políticos da época.



Figura 3 – Antiga Praça da Cavallhada, década de 1920. No centro, residência eclética e ao fundo torres da antiga Matriz, ambos já demolidos. Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

No que concerne ao urbanismo, o ecletismo fez nascer uma atenção especial à paisagem e aos espaços coletivos. Vale (2004) menciona que as praças ganharam equipamentos de iluminação, caminhos, bancos e tratamento paisagístico, a fim de possibilitar melhor interação entre seus usuários, sem esquecer o coreto, local de espetáculos musicais para os cidadãos.

“A idéia dominante do século XIX é de que a arquitetura deve ser representativa, de que deve evidenciar através da forma exterior e da estrutura o status de seu ocupante, seja ele o Estado, seja ele o indivíduo particular. É por isso que a decoração se torna um elemento indispensável a

ser usado em larga escala, que se multiplica a função ilusionista dos materiais, que o erudito e o pitoresco se mesclam: é necessário sublinhar o caráter de obra de arte total inerente à cidade e nada é mais adequado do que pontilhá-la de monumentos.” (FABRIS, 1993, p.134).



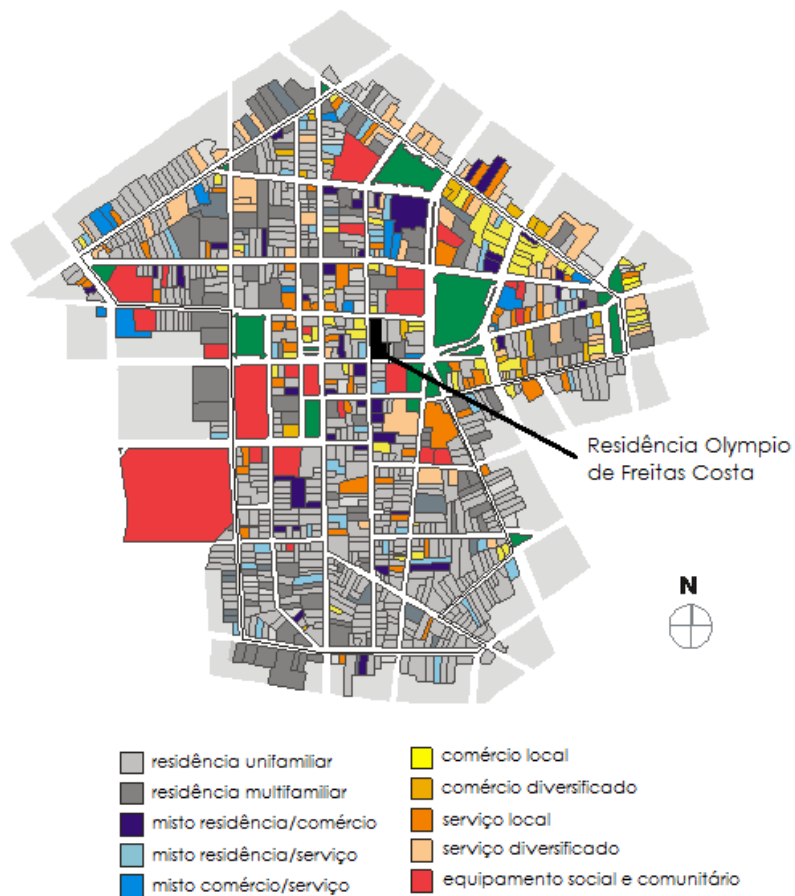
Figura 4 – Coreto da Praça Clarimundo Carneiro, construído entre 1926 e 1927. Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Coleção Roberto Cordeiro.

Existiam, em Uberlândia, muitas construções ecléticas até meados do século XX, porém, a imensa maioria foi demolida para dar lugar a novos edifícios, como apontado por Vale (2004): *“Atualmente, os exemplares que ainda sobrevivem enriquecem o tecido urbano e testemunham a importância desse primeiro momento de modernização da cidade.”* (VALE, 2004, p.66). As que perduram até os dias de hoje são raras, ou seja, existem poucos remanescentes do período, já que grande parte dos políticos e da população não enxergava significado nos âmbitos arquitetônico e histórico, situação que, infelizmente, se estende até o presente. Dentre eles escolheu-se destacar os imóveis tombados, que são: a Casa da Cultura; a Oficina Cultural; o Museu Municipal de Uberlândia; a Escola Estadual de Uberlândia; o chamado “Edifício Naguetini”; e a Residência Chacur; sendo que todos se localizam no bairro Fundinho, com relativa proximidade.

Os mapas a seguir mostram a localização dos exemplares ecléticos citados acima, bem como o uso e ocupação do solo do bairro Fundinho. Logo após, fotos antigas e atuais das edificações de estilo eclético mencionadas, mostrando como eram no passado e como se encontram atualmente.



Mapa 2 – Mapa de localização dos remanescentes ecléticos citados, 2017. Fonte: Elaborado pelo autor.



Mapa 3 – Mapa mostrando os usos no bairro Fundinho. Fonte: Fundinho: Um bairro histórico para Uberlândia – Inventário e diretrizes especiais de uso e ocupação do solo; com intervenções do autor.



Figura 5 – Atual Casa da Cultura na época de sua construção, 1922. Fonte: <http://especializado.jor.br/memorias-de-uma-casa/>



Figura 6 – Casa da Cultura após restauração ocorrida entre 2005 e 2006. Pode-se notar a ampliação provavelmente construída entre as décadas de 1940 e 1950 na lateral esquerda da fachada principal, 2017. Fonte: Autor.



Figura 7 – Companhia de Força e Luz (atual Oficina Cultural), 1929. Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.



Figura 8 – Oficina Cultural, 2017. Fonte: Autor.



Figura 9 – Palácio dos Leões, inaugurado em 1917 (atual Museu Municipal de Uberlândia). Fonte: <http://gazetadotriangulo.com.br/tmp/colunas/nascimento-da-telefonica-em-uberabinha-e-uberlandia/>



Figura 10 – Museu Municipal de Uberlândia, 2017. Fonte: Autor.



Figura 11 – Colégio Uberabinha (atual Escola Estadual de Uberlândia), sem data. Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Coleção Roberto Cordeiro, nº 824.



Figura 12 – Escola Estadual de Uberlândia, 2017. Fonte: Autor.



Figura 13 – Edifício Naguetini, construído entre 1925 e 1927. Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.



Figura 14 – Edifício Naguetini, 2017. Fonte: Autor.



Figura 15 – Residência Chacur, 1994. Fonte: Ficha de inventário de proteção do acervo cultural.



Figura 16 – Residência Chacur, 2017. Fonte: Autor.

CATEGORIAS DE VALOR CULTURAL

Argan (1993) afirma que a cidade é produto humano, testemunho de memória e valores e é, portanto, objeto e fato artístico. Ele enxerga obra e cidade como uma só coisa, sendo que a primeira é determinante do espaço urbano, além de nos advertir quanto ao que pode acontecer a uma sociedade que não valoriza a história e só vê seus patrimônios como fragmentos do passado e fora do contexto atual. Os valores culturais dos monumentos e das partes da cidade nos põe a indagar como situar o antigo e o novo de forma correta, já que um não deve se dissociar do outro.

Atualmente, a preservação do patrimônio se dá, muitas vezes, pela simples reminiscência de um valor específico e muito pouco se preocupa quanto à sua real função para a sociedade. Outras vezes, ela pode acontecer somente para a mera contemplação, a fim de que as pessoas passem por ali e vejam tal objeto ou edifício restaurado. Isso mostra um erro quanto à percepção de patrimônio cultural pela grande maioria da população.

De acordo com Meneses (2009), é preciso que as pessoas se reconheçam no objeto de restauro; que aquilo faça parte de seu cotidiano; que os mais variados tipos de apropriação aconteçam (estética, afetiva, perceptiva, entre outras); e que as diversas representações daquele bem cultural sejam entendidas, a fim de que a preservação seja válida e possua respaldo. Além disso, a experiência cultural deve ocorrer de forma autônoma, sem a dependência de especialistas.

Ele ainda menciona diferentes tipos de usos, como o existencial e o cultural, por exemplo, de forma a buscar entender o que vem a ser um patrimônio imaterial. Pode-se depreender então que tal conceito nada mais é do que reconhecer todos os sentidos, significados e valores, bem como a identidade e memória daquilo que vem a ser preservado, além da própria matéria.

“Aqui está, pois, o coração de nosso problema: falar e cuidar de bens culturais não é falar de coisas ou práticas em que tenhamos identificado significados intrínsecos, próprios das coisas em si, obedientemente embutidos nelas, mas é falar de coisas (ou práticas) cujas propriedades, derivadas de sua natureza material, são seletivamente mobilizados pelas sociedades, grupos

sociais, comunidades, para socializar, operar e fazer agir suas idéias, crenças, afetos, seus significados, expectativas, juízos, critérios, normas, etc., etc. – e, em suma, seus valores. Só o fetiche (feitiço) tem em si, por sua autonomia, sua significação. Fora dele, a matriz desses sentidos, significações e valores não está nas coisas em si, mas nas práticas sociais. Por isso, atuar no campo do patrimônio cultural é se defrontar, antes de mais nada, com a problemática do valor, que ecoa em qualquer esfera do campo.” (MENESES, 2009, p.32).

Levy (1940) fala sobre os critérios de julgamento na história da arte e observa que são considerados valores relativos, além de serem mutáveis ao longo do tempo. Essa discussão é de grande interesse para o trabalho de restauração, posto que a distinção entre os diversos valores presentes na obra de arquitetura é fundamental para enfrentar os problemas relacionados ao campo do restauro, pois é a dialética entre esses valores que fundamenta as decisões em relação à preservação da obra arquitetônica.

Os valores culturais propostos por Meneses (2009) se dividem em: valor cognitivo; valor formal, ou estético; valor afetivo; valor ético; e valor pragmático. Cunha (2006) mostra que, segundo Riegl, tais valores estão presentes em todo e qualquer objeto, porém não são próprios e nem intrínsecos a eles, mas sim por nós atribuídos (teoria dos valores de Riegl). Assim sendo, coisas que não tinham valor num determinado contexto, podem, posteriormente, passar a ter, e vice versa.

O valor cognitivo se mostra presente já que a partir da residência é possível se chegar aos mais variados tipos de conhecimentos, por assim dizer, como cita Meneses (2009) em seu texto se referindo a outro exemplo por ele utilizado:

“Por seu intermédio pode-se conhecer o conceito de espaço que organizou o edifício, seus materiais e técnicas, seu padrão estilístico; podemos traçar os efeitos dos interesses em causa na sua projeção, as condições históricas (técnicas, econômicas, políticas, sociais, culturais) de sua construção, usos e apropriações, os diversos agentes ou categorias sociais envolvidos, sua trajetória, sua biografia. O bem está sendo tratado, então, como documento, ao qual se dirigem questões para obter, como resposta, informação de múltipla natureza.” (MENESES, 2009, p.35).

Além de servir como documento, a casa também é uma oportunidade sensorial, e por isso também tem valor formal ou estético,

sendo que estético deve ser entendido pelo aspecto da percepção e não tomado como um simples conceito ligado à beleza.

Por também ter significado histórico, ligado à memória e identidade, o chamado valor afetivo pode ser reconhecido. Ele se estabelece por relações subjetivas e simbólicas entre as pessoas e o bem cultural em questão.

Há ainda os valores éticos que são explicados no trecho: “São aqueles associados não aos bens, mas às interações sociais em que eles são apropriados e postos a funcionar, tendo como referência o lugar do outro.” (MENESES, 2009, p.37). O que mostra que durante o projeto e a execução do restauro a ser proposto é necessário que este valor seja adotado, de modo a se compreender o que o bem cultural representa para os indivíduos, respeitando tal representação. O restauro deve acontecer por não se ter o direito de apagar os traços de gerações passadas e privar as gerações presentes e futuras da possibilidade de conhecimento e de suporte da memória de que esses bens são portadores. É então preciso que o direito à cultura seja garantido, assim como o direito à diferença.

Meneses (2009) aponta por fim o valor pragmático, aquele relacionado à utilização do espaço. Para que ele esteja presente, é preciso que as condições do local possam de fato qualificar a prática que ali se realiza, seja ela qual for. O projeto de restauro deve então garanti-lo, já que o valor pragmático é o uso contemporâneo.

É importante ressaltar que os valores mencionados, na grande maioria das vezes, estão presentes nas obras a serem restauradas de forma conjunta e devem ser tratados como tal.

TEORIAS CONTEMPORÂNEAS DE RESTAURAÇÃO

“Ao longo dos séculos, a restauração esteve vinculada a variadas correntes historiográficas, ao pensamento sobre a estética e a correntes ideológicas, e continua desse modo até os dias de hoje, em que, porém, a tendência é se afastar mais de vieses ideológicos e ser tolerantes em relação aos documentos históricos para assegurar a diversidade.” (KÜHL, 2008, p.92)

As tendências atuais de preservação de patrimônios arquitetônicos são variadas e distintas. Muito do que se faz com o intuito de restaurar um monumento, acaba por ir contra todo e qualquer princípio de conservação e não respeita aquilo que se deveria proteger. Como diz Cunha (2007): *“Percebe-se um grande descompasso entre as discussões a respeito da necessidade de se preservar a memória em suas diferentes formas e manifestações e os meios operacionais que deveriam ser postos para o cumprimento de tal tarefa. Contudo, tanto quanto o “o quê se preserva”, o “como se preserva” é fator de extrema importância, pois o produto final da intervenção será quase sempre a imagem cristalizada nas memórias da comunidade que deve se (re)apropriar do bem restaurado.” (CUNHA, 2007, p. única).*

Tendo conhecimento de que as teorias de restauração são fundamentadas em no mínimo duzentos anos acerca do tema do restauro, podemos classificá-las em três principais vertentes, de acordo com o contexto italiano, sendo elas: a “crítico-conservativa e criativa” ou “posição central”; a “conservação integral” ou “pura conservação”; e a “hipermanutenção” ou “manutenção-repristinacção”.

A primeira delas pode ser entendida como uma releitura do restauro crítico e está alicerçada na dialética entre as instâncias estética e histórica e no juízo histórico-crítico, que tem pertinência relativa, ou seja, depende do momento em que se insere, sendo que o que se entende como importante hoje, pode não mais o ser daqui a alguns anos.

“Nessa vertente a restauração assume uma posição conservativa, de forma prudente, que não significa de modo algum congelamento, e não prescinde, antes, propõe, quando necessário, o uso de recursos criativos (utilizados, porém, com respeito pela obra e não em detrimento dela) para tratar várias questões que podem

estar, e em estão em geral, envolvidas na restauraçã, como as citadas remoções de adições e reintegração de lacunas.” (KÜHL, 2008, p.82)

Os possíveis acréscimos que venham a se estabelecer procuram harmonizar com o edifício e o conceito de reversibilidade é também prezado. Mimetismos e/ou imitações não são aceitos, buscando-se sempre a distinguibilidade. Estes dois últimos pontos são os aspectos de proximidade entre o restauro crítico e a segunda vertente que será mencionada a seguir.

Apesar de certas semelhanças, por outro lado, a segunda vertente concebe a restauraçã e a conservaçaõ como inconciliáveis, privilegiando unicamente a instância histórica. Para ela, a historicidade deve ser respeitada de modo absoluto, sendo que as dimensões estética e histórica não se separam. Diversamente da “posição central”, na “conservaçaõ integral” não há necessidade de harmonia entre acréscimos e o restante, o que ocorre é a diferenciaçaõ entre o momento da conservaçaõ e da inovaçaõ. Não se interessa em restaurar o edifício como ele era no passado, mas sim em mantê-lo como ele se encontra no presente, de modo que a devida manutençaõ é imprescindível.

Indo no rumo contrário das duas vertentes já mencionadas, tem-se a “manutençaõ-repristinacaõ”, que não aceita novos materiais e *“propõe o tratamento da obra através de manutenções ou integrações, ordinárias e extraordinárias. Retomam-se formas e técnicas do passado, sendo um modo de se colocar contra o estado fragmentário do bem, mantendo sua configuraçaõ e seu significado lingüístico.”* (KÜHL, 2008, p.86). Diferentemente das demais, ela aceita mimetismos e/ou imitações e na verdade até os encoraja.

Cada bem cultural é único e não-reproduzível e sua transmissã para as próximas gerações deve ser assegurada, por meio da adequaçã de técnicas e materiais e dos princípios da distinguibilidade, retrabalhabilidade e da mínima intervençaõ.

A correta identificaçaõ daquilo que deve e pode ser restaurado e então mantido como original, assim como a substituiçaõ adequada por algo contemporâneo fazem parte de um bom projeto de restauro, que deve ser capaz de compreender o bem e suas transformações ao longo do tempo, firmando-se na contemporaneidade com prudência, como Kühl (2008) diz: *“É, portanto, ato de respeito pelo passado, feito*

no presente, que mantém sempre o futuro no horizonte de suas reflexões.” (KÜHL, 2008, p.91).

ESTUDOS DE CASO

Os estudos de caso selecionados tratam de exemplos que auxiliarão na execução do projeto proposto neste trabalho. O primeiro deles apresenta o restauro do Museu Rodin, em Salvador. O segundo é uma escola de gastronomia em Tijuana, no México, a Culinary Art School. Por último, o Brascan Open Mall, um espaço de uso misto que contempla centro comercial, praça de alimentação, hotel, salas corporativas, entre outros.

MUSEU RODIN – SALVADOR, BRASIL

O projeto do Museu Rodin Bahia, em Salvador, contempla a construção de um novo edifício e a restauração do Palacete Comendador Bernardo Martins Catharino, um casarão eclético do começo do século XX.

O Palacete, também chamado de “Villa Catharino” ou “Palacete Catharino” data do ano de 1912 e se situa no bairro da Graça, em Salvador, Bahia. Naquela época, ele representava o forte poder econômico de algumas famílias baianas e expressava a ânsia que a burguesia local tinha pela modernização ao modo europeu. Na década de 80 tornou-se o primeiro imóvel de estilo eclético tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), pelo Decreto 33.252, sob o processo 004/82. Após o tombamento, o Palacete abrigou a Secretaria Estadual da Educação e Cultura e os Conselhos Estaduais de Educação e de Cultura, até ser destinado a sediar o Palacete das Artes, em 2003.

Para esta finalidade, o prédio em estilo eclético foi escolhido por um conjunto de características favoráveis, sendo uma delas o fato de guardar semelhanças com o Hotel Biron, edificação do XVII onde está instalada a sede do Museu Rodin, em Paris. Com a nova proposta de uso para o local, um projeto de restauração e adaptação foi desenvolvido entre os anos de 2002 e 2006 pelo escritório Brasil Arquitetura, dos arquitetos Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci. Dessa forma, alguns espaços internos foram redimensionados e elementos estruturais e decorativos originais foram cuidadosamente recuperados.



Figura 17 - Museu Rodin Salvador, construção original. Fonte: <http://dimusbahia.wordpress.com/tag/rodin/>

O Palacete é constituído de dois pavimentos e possui diversos ornamentos internos, como pinturas nas paredes e nos forros; vitrais; e pisos em parquet, mármore e ladrilhos hidráulicos.



Figura 18 – No interior, o teto com rebuscados afrescos e o piso de marchetaria foram preservados e restaurados. Fonte: http://www.galeriadaarquitectura.com.br/projeto/brasil-arquitetura_/museu-rodin-bahia/2799



Figura 19 – Área interna restaurada. Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/06.070/2721>

Foi proposto um anexo de traços arquitetônicos contemporâneos e inspiração brutalista, em estrutura de concreto aparente e com vedações em vidro, destinado a abrigar a reserva técnica, as exposições temporárias e também um café inaugurado em maio de 2009. Este novo bloco foi implantado numa clareira entre as árvores centenárias no jardim do palacete, mantendo uma distância respeitável e uma relação de escala semelhante ao prédio histórico. A ligação entre as duas construções se dá por meio de uma passarela de concreto, que transmite continuidade e fluidez.



Figura 20 - Croquis do anexo e intervenções feitas no museu. Fonte: <http://brasilarquitectura.com/projetos/museu-rodin-bahia>

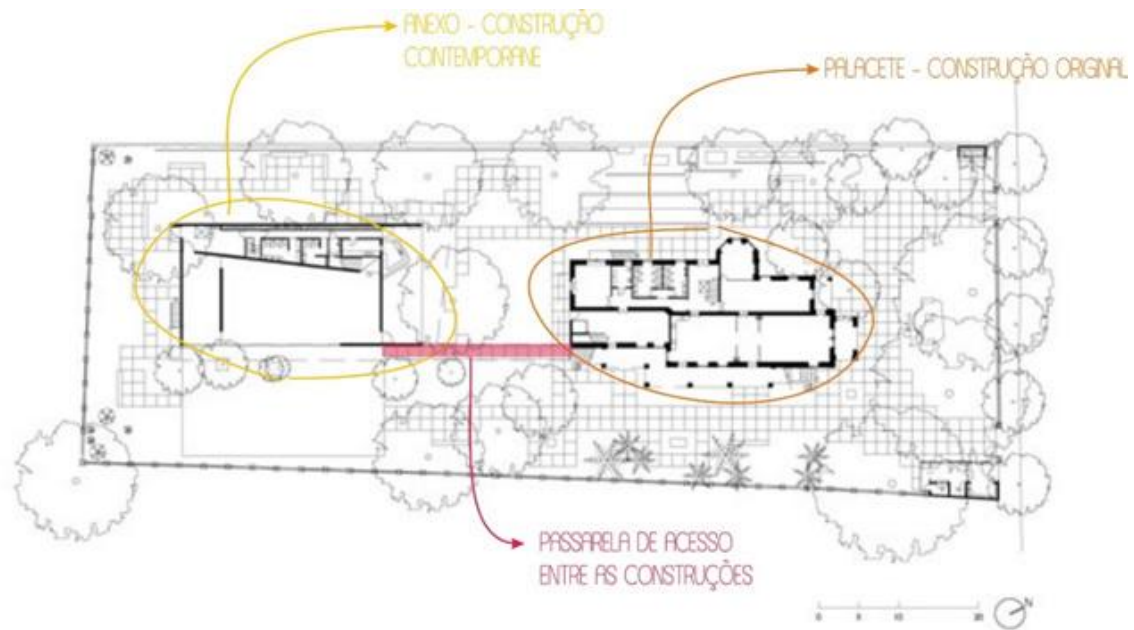


Figura 21 – Implantação da construção original, o anexo proposto e a passarela de ligação entre os dois. Nota-se que em planta os edifícios apresentam-se quase com as mesmas dimensões, de forma que o edifício novo não se sobrepõe ao antigo. Fonte: <http://www.brasilarquitetura.com/projetos.php?mn=6&img=002&bg=dwg&mn2=79>; com intervenções do autor.



Figura 22 - Relação de gabarito, em que o edifício novo, à esquerda, é mais baixo do que o existente. Fonte: <http://www.brasilarquitetura.com/projetos.php?mn=6&img=004&bg=dwg&mn2=79>

Do antigo prédio permaneceram o piso e o forro de cada quarto, os afrescos das salas principais e os pisos de pastilhas e marchetaria. As paredes externas receberam tinta branca.

Tanto o restauro do palacete como as novas intervenções foram delicadas e pontuais, com o objetivo de dotar a edificação espacial e tecnicamente da infra-estrutura necessária, adequando os espaços às novas atividades previstas. É na relação entre os dois, e não na leitura isolada de cada um, que reside o interesse do desenho dos arquitetos.

O conjunto do museu nitidamente demonstra uma distinção entre os dois edifícios e os dois momentos históricos, de forma a não descaracterizar a obra e nem tentar criar uma imitação de estilos arquitetônicos. A perfeita integração dos dois blocos com diferença de idade de um século: cada um, ao seu tempo, expressando uma técnica e um modo de construir, de morar, de usufruir o espaço, ambos com personalidade própria. Dois edifícios, dois momentos históricos que conversam num jardim centenário, definem um espaço cultural que se pretende ponto de encontro e área de convívio, um espaço de agregação de valor e de vida.



Figura 23 – Edifício eclético, à frente, e anexo em estrutura de concreto aparente, ao fundo. Fonte: <http://brasilarquitectura.com/projetos/museu-rodin-bahia>

O projeto de restauro recebeu, em 2006, o primeiro lugar da Bienal de Arquitetura da Venezuela e o segundo lugar na Bienal de Arquitetura Argentina.

Pelo excelente exemplo de relação entre edifícios de séculos diferentes; por ser um dos últimos exemplares do estilo eclético remanescente na cidade; por não competir com a presença dominante da construção histórica e, sobretudo, se somar à edificação já existente, formando um conjunto articulado e fluido para ser livremente desfrutado pelo visitante; além do fato de se localizar num bairro nobre da cidade; o restauro aqui selecionado como estudo de caso se mostra como um importante norteador para o futuro projeto da Residência Olympio de Freitas Costa.

CULINARY ART SCHOOL – TIJUANA, MÉXICO

A Culinary Art School é uma escola de gastronomia situada na cidade de Tijuana, no México, que oferece diversos cursos na área de culinária. Foi projetada no ano de 2010 pelos arquitetos do Gracia Studio.

O edifício é composto por dois volumes retangulares construídos em estrutura mista de concreto aparente, aço, madeira e vidro.



Figura 24 – Vista da escola. Podem-se perceber os materiais utilizados. Fonte: <http://www.archdaily.com/100778/culinary-art-school-gracia-studio>

O primeiro pavimento apresenta quatro salas de aulas práticas (cozinhas); uma sala de aula demonstrativa; espaço digital; café/bar; área de estocagem; banheiros; e uma praça interna que funciona como acesso principal.

No segundo pavimento estão mais duas salas de aulas práticas; a área administrativa; uma adega; e biblioteca. Através da circulação deste pavimento é possível se ter uma visão da praça interna e das salas de aula do andar inferior.



Figura 25 – Interior de uma das salas de aulas práticas. Fonte: <http://www.archdaily.com/100778/culinary-art-school-gracia-studio>

No projeto não há uma setorização clara entre os espaços, sendo que o mais se destaca é a praça central, que faz papel de espaço intermediário entre as áreas.

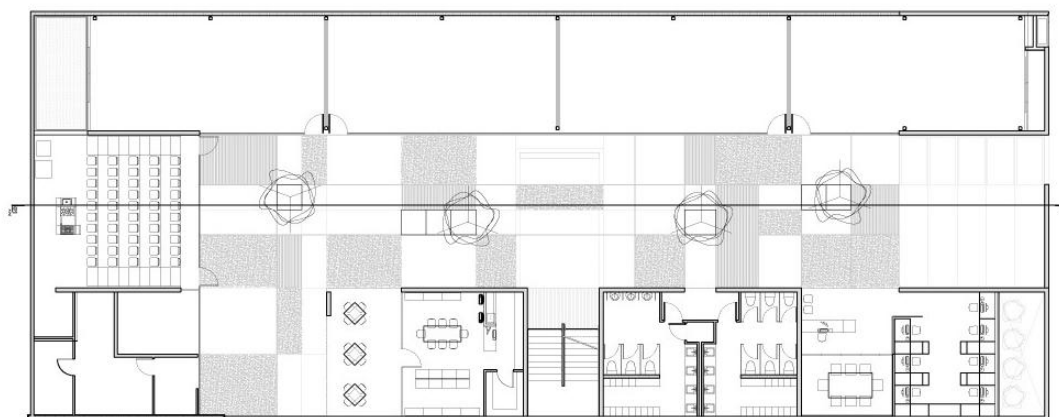


Figura 26 – Planta baixa do primeiro pavimento mostrando os dois blocos e a praça central. Fonte: <http://www.archdaily.com/100778/culinary-art-school-gracia-studio>

O acesso principal do edifício é feito por um portão a partir da rua, sendo que não há outro acesso secundário. Grande parte da circulação horizontal é feita pelo pátio central. Já a circulação vertical se dá por meio de escadas, posto que não existem elevadores (fato que chama a atenção pois o edifício não é uma adaptação).



Figura 27 – Vista da rua para a escola mostrando o acesso ao pátio central que interliga os dois volumes. Fonte: <http://www.archdaily.com/100778/culinary-art-school-gracia-studio>

As visadas proporcionadas pelos panos de vidro nas mais variadas partes do projeto são umas de suas premissas, mostrando uma importante relação entre as salas de aula, o café e o pátio interno. Esses panos de vidro também são responsáveis por fazer a “ligação” entre espaço interno e externo.

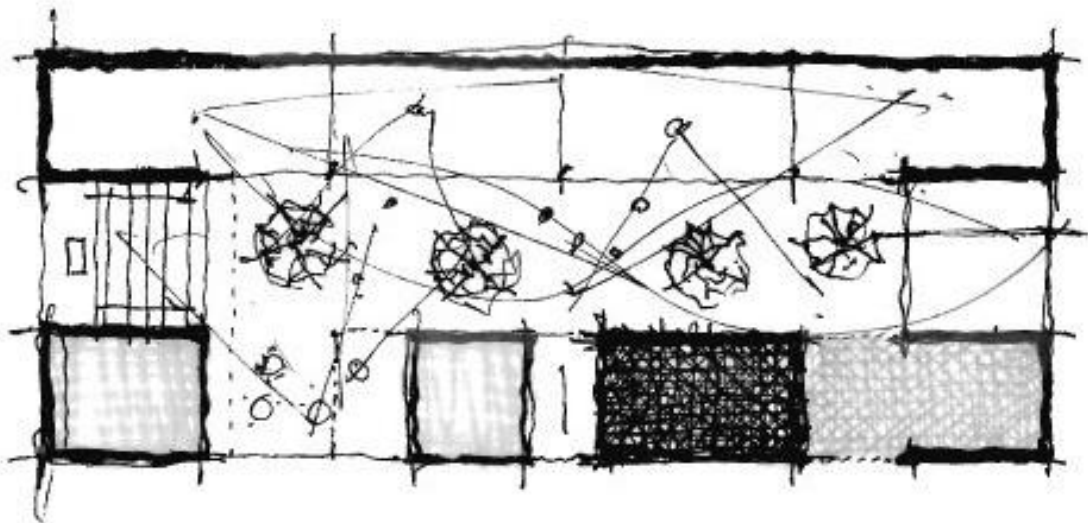


Figura 28 – Croqui das visadas feito pelo arquiteto do projeto. Fonte: <http://www.archdaily.com/100778/culinary-art-school-gracia-studio>

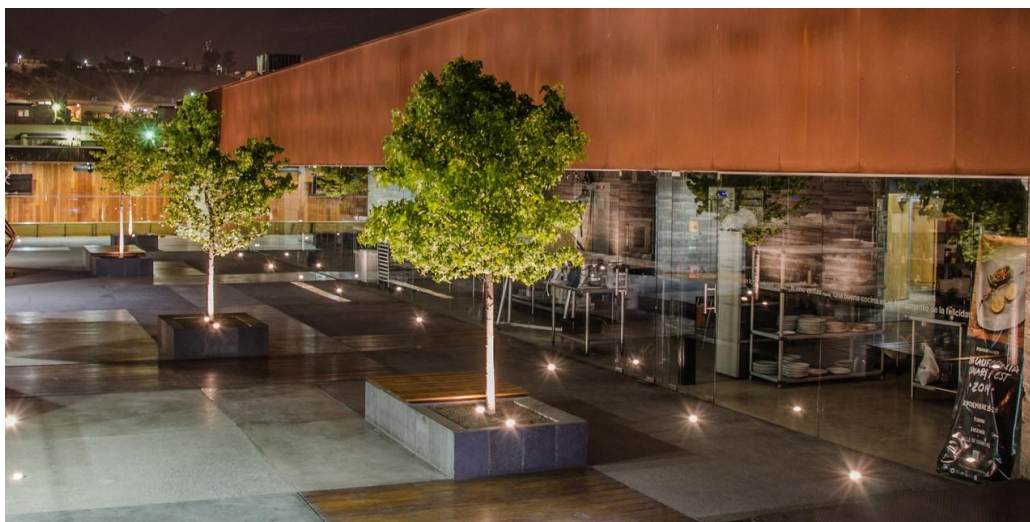


Figura 29 – Panos de vidro. Fonte: <http://www.culinaryartschool.edu.mx/galeria/>

Graças à sua concepção de um espaço de fácil identificação do usuário, assim como seu programa, materialidade, concepção estética e volumetria, a Culinary Art School se configura como uma importante contribuição na elaboração do projeto do anexo da proposta de novo uso para a Residência Olympio de Freitas Costa, mesmo que a escala seja diferente da que será adotada neste último.

HISTÓRICO DO BEM

O edifício sobre o qual este trabalho se lança foi construído originalmente como residência, no início do século XX, e adquirido, na década de 1920, antes do término de sua obra, por Olympio de Freitas Costa (juntamente com sua esposa Augusta Maria de Freitas), que veio para a região de Uberlândia a fim de trabalhar na construção da ferrovia da Companhia Mogiana.

No limite do lote em que o bem se localiza, na fachada da rua Tiradentes, havia um portão de grade trabalhada e logo após encontrava-se a escadaria de entrada, dando acesso ao alpendre que levava ao salão principal da casa. De acordo com Scherner (1999) e como se pode perceber pelas fotografias a seguir, as paredes deste salão continham pinturas de um artista japonês chamado Tanaka e por meio dele chegava-se a quatro quartos, sendo que todos também possuíam o roda teto trabalhado por pinturas artísticas.

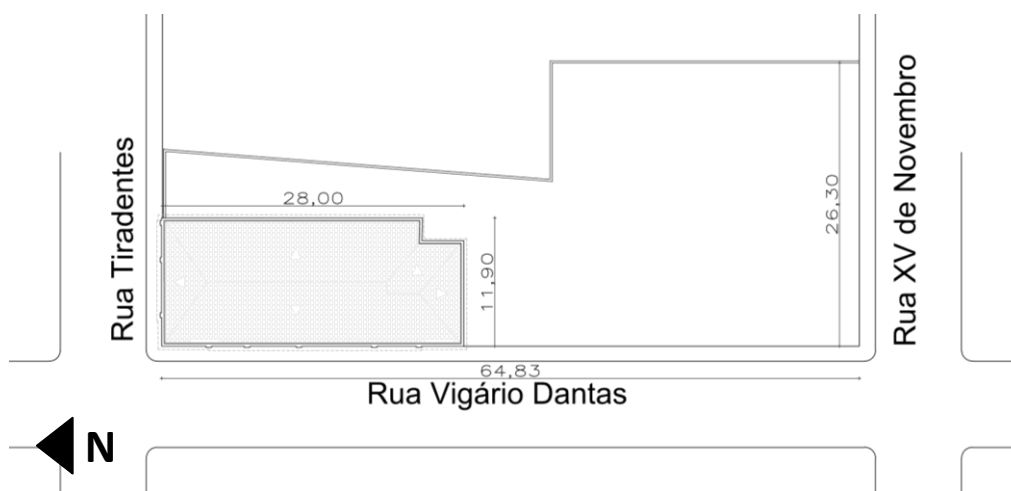


Figura 30 – Implantação da Residência Olympio de Freitas Costa no lote. Fonte: Elaborado pelo autor.



Figura 31 – Membros da família Freitas Costa na escadaria de entrada, 1960. Podem-se observar os detalhes originais do guarda corpo do alpendre, assim como suas colunas. Fonte: Acervo pessoal de Línea Resende.



Figura 32 – Detalhes do mobiliário do salão nobre e da pintura ao fundo, 1960. Fonte: Acervo pessoal de Línea Resende.



Figura 33 – Detalhe da pintura do salão nobre, 1960. Fonte: Acervo pessoal de Línea Resende.

Em meados da década de 1950, o primeiro dos quartos foi transformado em sala de aula para os netos e sobrinhos do casal de proprietários. No cômodo maior, que ficava na esquina das ruas Tiradentes e Vigário Dantas, se hospedavam os médicos da equipe de um dos filhos, Josias de Freitas, que morava no Rio de Janeiro mas vinha para Uberlândia de tempos em tempos a trabalho. É importante ressaltar que neste quarto existia uma varanda que foi fechada (em data exata não conhecida, algo entre a década de 1980 e os últimos anos da década de 1990).



Figura 34 – Planta esquemática mostrando o alpendre antes de ser demolido e indicando os usos da casa. Fonte: Elaborada pelo autor.

O casarão ainda contava com mais dois grandes quartos, um único banheiro (que não possuía chuveiro e mais tarde foi subdivido em dois, para melhor atender às necessidades dos habitantes) e uma grande cozinha com acesso por uma escada externa, fora do corpo principal da casa e ligada ao quintal, que dispunha de chiqueiro, galinheiro, fogareiro, horta e dois banheiros dedicados aos serviçais.

Sua cobertura era feita por telhas cerâmicas do tipo francesa, sendo que o forro era reto em régua de madeira trabalhada.

Com o falecimento de Olympio de Freitas Costa em 1958, o imóvel foi herdado por seus filhos e vendido para Euler Lanes Bernardes, no ano de 1961. De posse do novo proprietário, a edificação abrigou os colégios Objetivo, Anchieta e mais recentemente o Colégio Federal, tendo sofrido modificações em seu layout interno. No antigo porão, estabeleceu-se a parte administrativa das instituições de ensino, sendo que vários vãos foram fechados neste espaço que antes era único e sem divisórias. Além disso, anexos foram construídos no antigo quintal. Ambas alterações a fim de proporcionar ao edifício maior adequação ao programa escolar.



Figura 35 – Foto do imóvel funcionando como Colégio Objetivo, 1982. Detalhe para a varanda na esquina que ainda não havia sido fechada. Fonte: Acervo CDHIS-UFU, Coleção Bens Imóveis.



Figura 36 – Interior de uma das salas de aula do Colégio Anchieta, 1999. Detalhe para o forro de madeira ainda conservado e aparente. Fonte: Processo de Tombamento – Imóvel Rua Tiradentes, 77 – Colégio Anchieta. Trabalho acadêmico realizado na disciplina Técnicas Retrospectivas, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal de Uberlândia, 1999.

Mesmo após as intervenções, traços originais ainda foram guardados, como o porão alto, as fachadas principais, implantação, afastamentos, algumas esquadrias, e piso tabuado de madeira em certos ambientes.



Figura 37 – Corredor no primeiro pavimento mostrando o piso tabuado de madeira, 2014. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Após o fechamento do Colégio Federal (em torno do ano de 2010) o prédio ficou sem uso e disponível para locação, o que acentuou sua degradação. A falta de manutenção e limpeza constantes contribuíram para o aparecimento de infiltrações, danificação do piso de madeira e das esquadrias, crescimento de vegetação e até possibilitou que moradores de rua se instalassem em suas dependências abandonadas.

No final de 2015, Cecília Lanes Bernades (uma das filhas de Euler Lanes Bernardes, que herdaram a residência) juntamente com seu marido Marco Antônio Felice Guerreiro, decidiram intervir ainda mais no imóvel. Demoliram então os anexos que haviam sido erguidos, além de suprimir partes importantes da casa, como o alpendre de acesso lateral.



Figura 38 – Alpendre antes de ser demolido, 2014. Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 39 – Guarda corpo do alpendre com adornos semelhantes aos da varanda da esquina. Ao fundo pode-se ver uma parte do anexo construído no antigo quintal, 2014. Fonte: Acervo pessoal do autor.

As fachadas principais (das ruas Tiradentes e Vigário Dantas), com elementos decorativos como medalhões e cimbalha curva, foram preservadas, mas o interior do casarão sofreu alterações, como a quebra do forro de gesso (que já não era original) e a retirada do piso, em certos cômodos. No antigo salão nobre, uma parte da estrutura da cobertura se encontra aparente e destelhada, aumentando ainda mais a degradação da casa, já que fica à mercê de intempéries.

IMPORTÂNCIA CULTURAL DO BEM

A transição entre os séculos XIX e XX marca um período de avanço econômico e político não só para Uberlândia, mas para o país, que vivia o fim do Império e a instauração da República. O ecletismo se faz presente nessa época, com suas tecnologias de construção importadas, e aparece em conjunto às reformas urbanas modernizadoras que aconteceram na cidade.

A assim chamada Residência Olympio de Freitas Costa está inserida no bairro Fundinho. Este foi o núcleo de origem do município, com grande importância histórica, mas que passa por processos de descaracterização (iniciado a partir das décadas finais do século XX), principalmente devido à verticalização e transformação de usos tendentes ao comercial. Nos dias de hoje, o entorno do edifício permanece com funções predominantes de comércio requintado e moradia vertical, além do uso cultural incentivado pela gestão municipal na tentativa de preservação de seus bens históricos. A legislação do final da década de 1990 e início do século XXI conferiu ao Fundinho um alto valor imobiliário, por permitir a construção de condomínios de edifícios, de forma que o mercado exerce enorme pressão sobre os bens culturais ali presentes.

As mencionadas mudanças de uso e a verticalização comprometeram o estado original dessa região da cidade, dificultando a apreensão do testemunho urbanístico e arquitetônico das épocas mais importantes da história local pela população.

Destaca-se então a importância da restauração da Residência Olympio de Freitas Costa, um dos raros exemplares restantes da arquitetura eclética em Uberlândia, que ainda mantém a ambiência da época graças à preservação de características originais em seu entorno imediato, como ruas e calçadas estreitas, além de densidade e gabarito baixos. Apesar das intervenções que sofreu ao longo dos anos, muitos de seus elementos originais ainda perduram, sendo que existem valores impregnados na casa, justificando sua importância cultural e o seu restauro.

O valor histórico, conferido por seu contexto, já que o casarão fez parte do primeiro auge político e econômico da cidade. Sua presença, localização e composição, junto às outras construções remanescentes

do mesmo período, contribuem significativamente na percepção dos processos de urbanização e desenvolvimento arquitetônico do município, sendo parte física imprescindível para a conscientização e formação da identidade uberlandense.

O valor científico, uma vez que traz consigo a materialização de uma técnica específica do início do século XX que já não é mais reproduzida, podendo ainda servir como material de estudo.

O valor estético, pois é um exemplar do ecletismo em Uberlândia e juntamente com as outras edificações e o traçado urbano preservados, compõe o testemunho de uma paisagem harmoniosa e única no espaço, proporcionando, lado a lado às correntes estéticas passadas e atuais, o mosaico arquitetônico único da cidade.

O valor afetivo, por ter significativa representatividade para os habitantes da região, assim como para a população da cidade de Uberlândia.

É ainda importante mencionar que a Residência Olympio de Freitas Costa já foi inventariada e indicada para tombamento parcial, tombamento este não especificado na ficha de inventário. Fatos que corroboram mais uma vez sua relevância na paisagem urbana em que se insere.

Devido a todas suas características físicas e aos valores culturais explicitados, que têm fundamental valia para a memória do bairro Fundinho, o bem cultural clama por um projeto de restauro que o respeite e o valorize.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE FORMAL

Localizada na Rua Tiradentes, nº 77 (esquina com a Rua Vigário Dantas), no bairro Fundinho, a Residência Olympio de Freitas Costa é um exemplar da arquitetura eclética produzida em Uberlândia no início do século XX. Apesar disso, ainda apresenta implantação com certas características tradicionais, pois mesmo com afastamentos nos sentidos sul e leste, permanece alinhada aos limites do lote nas direções norte e oeste.

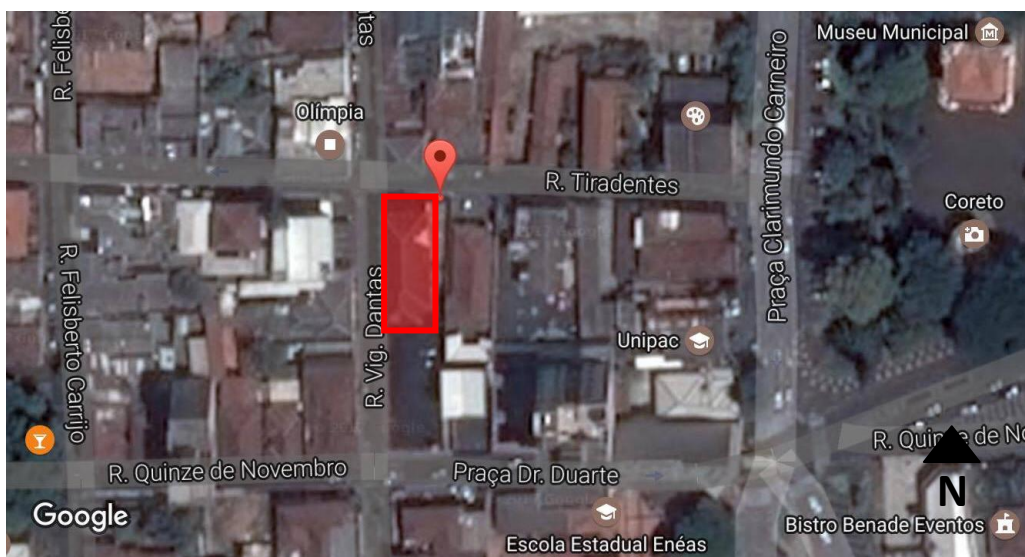


Figura 40 – Localização da Residência Olympio de Freitas Costa. Fonte: Google Maps; com intervenção do autor.

O imóvel dispõe de um pavimento elevado do solo e sob ele um porão alto, de modo que não há (nem nunca houve) ligação interna entre os dois. Para se chegar ao porão, o ingresso é feito unicamente pelo térreo. Além disso, as escadas que levavam ao piso superior se encontravam na área externa do casarão: uma dava acesso ao alpendre lateral (que foi subtraído), se comportando como entrada social e principal, e a outra era exclusiva para a cozinha, porém ambas foram demolidas e hoje não existem mais.

A planta é retangular e a cobertura acontece por meio de telhado composto, sendo que as telhas cerâmicas de outrora foram substituídas por telhas de amianto. Há platibanda ornamentada, nas duas fachadas principais. O forro original em réguas de madeira, com ventilação, foi coberto por forro de gesso, inclusive com alteração do pé direito de alguns ambientes. As paredes externas e internas são de

alvenaria estrutural e a base é de pedra. A casa possui platibanda nas duas fachadas principais (voltadas para a rua) e nas fachadas voltadas para o lote apresenta beiral.

A maioria das esquadrias da época da construção foi preservada, porém com acréscimos. As janelas originais são de abertura com eixo vertical, em madeira e vidro e bandeira em veneziana. Posteriormente, gradis metálicos foram nelas instalados, com fins de proteção.

No primeiro pavimento, todas as janelas originais eram de abrir em madeira, porém as cinco últimas aberturas da fachada da Rua Vigário Dantas foram substituídas por esquadrias basculantes metálicas, sem alteração dos vãos. No porão, elas são todas do tipo basculante em esquadrias metálicas, permitindo iluminação e ventilação a este espaço, sendo que não se tem informação se são acréscimos posteriores ou originais.

Todas as portas originais são de madeira com bandeira cega, sendo que as das áreas sociais possuem duas folhas e decorações em alto relevo nas bandeiras e nas folhas. Já as portas internas têm apenas uma folha e são adornadas apenas nas bandeiras.

Primordialmente, o piso do pavimento superior era em madeira e tabuado corrido nas áreas sociais. Ele foi mantido em diversos cômodos, mas em alguns espaços foi substituído por placas de laminado de madeira. Nas áreas molhadas, tanto deste pavimento como do porão, os pisos eram cerâmicos ou ladrilhos hidráulicos. Nas outras áreas do porão encontra-se piso cimentado.

O pé direito do primeiro pavimento é de 3,70m e suas paredes internas são revestidas com argamassa e pintadas com tinta convencional, sendo que esta pintura cobriu os antigos trabalhos artísticos do período da construção do edifício. Já o porão possui pé direito de 1,95m e diversos arcos, a fim de vencer os vãos deste espaço. Assim como no andar de cima, suas paredes internas também são revestidas de argamassa e pintadas com tinta convencional.

A fachada voltada para a Rua Tiradentes é distribuída em três panos por pilastras adossadas, sendo que o pano central é mais longo do que os demais e contém duas janelas de vergas retas dispostas simetricamente; o pano lateral esquerdo possui uma janela de verga reta centralizada; já no pano lateral direito existia originalmente uma

varanda que foi fechada, colocando-se ali uma janela metálica de verga reta. Ainda é possível perceber elementos da varanda, como as pilastras e o guarda corpo. Apresentam-se ainda, no pavimento do porão, duas janelas de verga reta, uma porta e um vão onde antes existia um aparelho de ar condicionado, os dois últimos acréscimos posteriores.

A fachada da Rua Vigário Dantas é dividida, também por pilastras adossadas, em seis panos. No primeiro deles (que se encontra na esquina) também se percebem partes da varanda que foi posteriormente emparedada. Nos panos seguintes, existem oito janelas de verga reta organizadas de modo simétrico. As aberturas do porão são alinhadas às janelas do pavimento superior, de modo que a quinta delas (da esquerda para a direita) possui altura maior que as demais, sinalizando a possível existência de uma porta neste local, em outro período.

Ambas as fachadas gozam de platibanda contínua com medalhões, frontão recortado na parte central, elementos decorativos em argamassa com motivos florais, além das sobrevergas e dos peitoris das janelas, que também são ornamentados. As aberturas, as pilastras e os adornos contribuem para a formação de uma fachada com ritmo e proporção, parcialmente quebrados pela existência da varanda.

O entorno imediato do edifício ainda preserva características originais, como ruas e calçadas estreitas, baixa densidade e baixo gabarito, o que faz com que sua ambiência seja mantida.

Atualmente o bem se encontra com as fachadas principais da cor amarela e os ornamentos em branco, mas ao longo de sua história apresentou-se em diversos outros tons. Tendo passado por diversas intervenções, principalmente internas e em virtude das mudanças de uso que sofreu, ele ainda preserva parte da volumetria original, apresentando certas descaracterizações reversíveis. Por suas dimensões e qualidades dos mais variados tipos, exerce forte presença na paisagem urbana e se constitui como um grande destaque do patrimônio histórico de Uberlândia.

AVALIAÇÃO DAS CONDIÇÕES FÍSICAS

Atualmente a Residência Olympio de Freitas Costa passa por reformas, mas, mesmo assim, suas condições físicas ainda se apresentam em estado de má conservação e em processo de degradação.

A pintura das paredes, tanto internas quanto externas, está desgastada, com trincas, sujidade e até apresenta perda de materiais em algumas áreas. Além disso, as fachadas foram pichadas em diversos pontos.

A cobertura sofreu alteração no tipo de suas telhas ao longo do tempo, de modo que as primordiais, feitas de cerâmica, foram trocadas por novas, de amianto. No antigo salão nobre, uma parte da estrutura do telhado se encontra aparente e destelhada, fator que exacerba ainda mais a deterioração da casa.

O forro de gesso está quebrado em diversos cômodos, permitindo, no pavimento superior, observar-se o forro original de madeira, que foi coberto no passado. Já no porão, a quebra deste forro de gesso deixa os barrotes de sustentação do piso de cima expostos.

No primeiro pavimento, o piso foi totalmente removido em alguns espaços, sendo assim, os barrotes acima mencionados se encontram à vista nestes ambientes. O piso do porão não sofreu intervenções, mas exibe grossa camada de poeira e sujeira.

A maioria das esquadrias atuais se apresenta em bom estado de conservação, embora manutenção, limpeza e desempenho ainda sejam necessários.

As duas escadas de acesso ao pavimento superior foram demolidas, assim como o antigo alpendre de acesso lateral. Hoje, a única opção de entrada no imóvel é através de uma porta localizada no porão e para se chegar ao andar de cima é preciso que se faça uso de uma escada portátil, levando-a até um dos cômodos em que o piso foi retirado para assim transpor a altura necessária.

Intempéries e ausência da devida manutenção são alguns dos principais motivos do desgaste do bem, gerando acúmulo de lixo e

sujeira, tanto por causa do período em que esteve desocupado, quanto pelas obras a que está sendo submetido.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

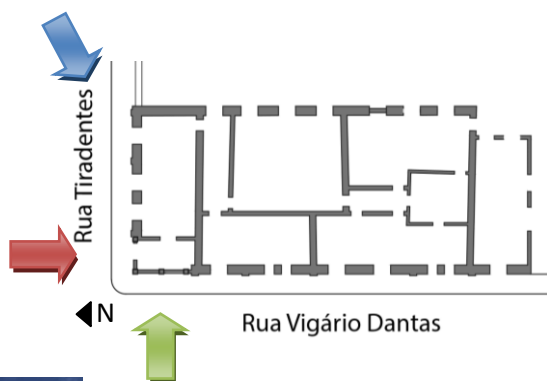


Foto 1. Fachada da Rua Tiradentes. Data: 06/07/2016.



Foto 2. Detalhe da varanda fechada. Data: 06/07/2016.



Foto 3. Detalhe da varanda fechada. Data: 06/07/2016.

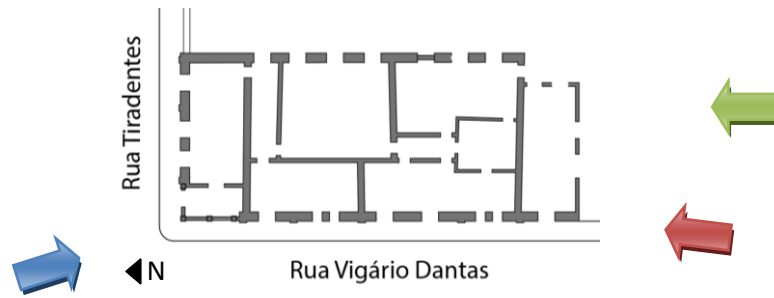


Foto 4. Vista da esquina.
Data: 31/07/2016.



Foto 5. Fachada da Rua Vigário Dantas.
Data: 31/07/2016.



Foto 6. Fachada Sul.
Data: 31/07/2016.



Foto 7. Detalhe para a escada externa removida.
Data: 18/07/2016.



Foto 8. Fachada Leste. Data: 22/12/2015.



Foto 9. Detalhe do local onde ficava o alpendre.
Data: 22/12/2015.

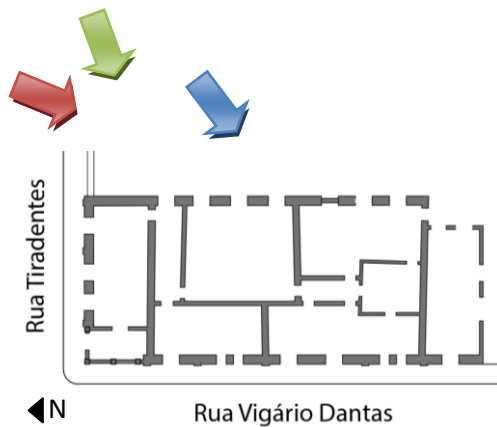


Foto 10. Detalhe do local onde ficava o alpendre.
Data: 22/12/2015.



Foto 11. Fachada Leste. Data: 18/07/2016.

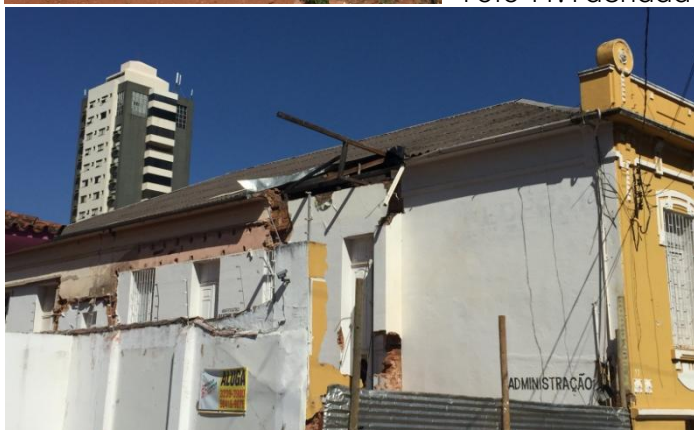


Foto 12. Cobertura destelhada.
Data: 18/07/2016.

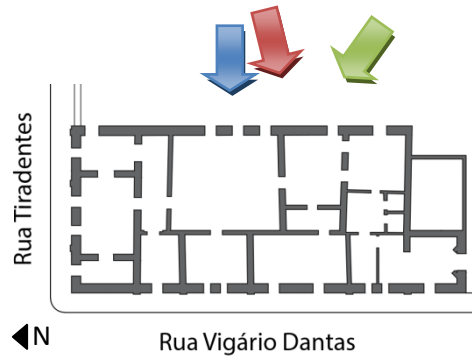


Foto 13. Situação após remoção do alpendre. Data: 22/12/2015.



Foto 14. Situação após remoção do alpendre. Data: 22/12/2015.



Foto 15. Situação após remoção do alpendre. Data: 22/12/2015.

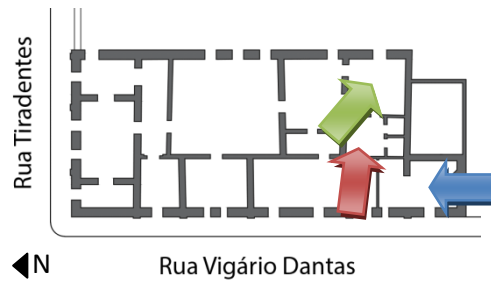


Foto 16. Interior do cômodo de acesso ao porão. Data: 05/04/2016.



Foto 17. Detalhe do forro de gesso quebrado. Data: 05/04/2016.



Foto 18. Situação do interior do porão. Data: 05/04/2016.

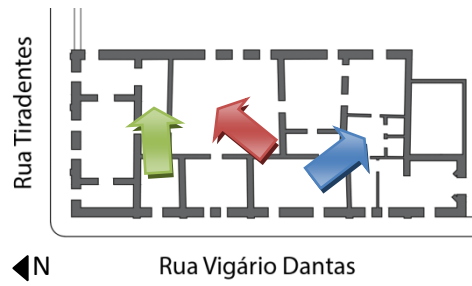


Foto 19. Forro de gesso quebrado próximo aos banheiros do porão. Data: 05/04/2016.



Foto 20: Detalhe para a cobertura do salão nobre destelhada. Data: 22/12/2015.



Foto 21. Barrotes do piso vistos do porão. Data: 22/12/2015.

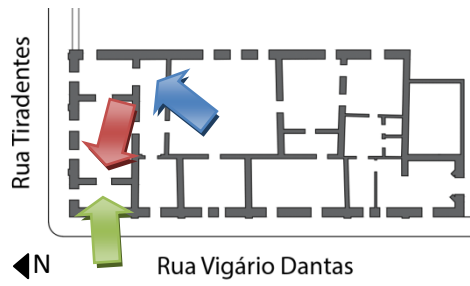


Foto 22. Vão em forma de arco no porão. Data: 05/04/2016.



Foto 23: Diferença de níveis em dos cômodos do porão. Data: 05/04/2016.



Foto 24: Diferença de níveis em dos cômodos do porão. Data: 05/04/2016.

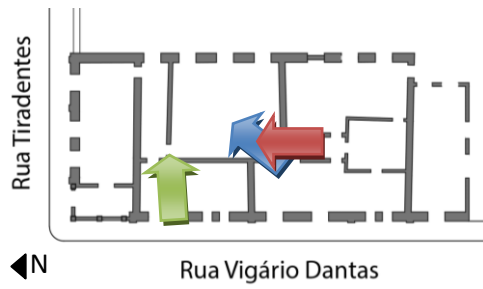


Foto 25. Salão nobre sem o piso.
Data: 21/05/2016.



Foto 26. Salão nobre sem o piso. Data: 21/05/2016.



Foto 27. Detalhe para a estrutura dos barrotes.
Data: 21/05/2016.

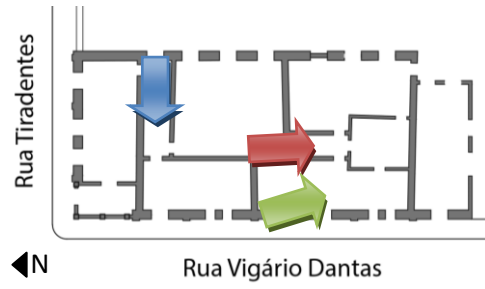


Foto 28. Corredor do pavimento superior sem o piso.
Data: 21/05/2016.



Foto 29. Forro de gesso quebrado no pavimento superior, mostrando o forro original de madeira acima dela. Data: 21/05/2016.



Foto 30. Interior de um dos cômodos do pavimento superior Data: 21/05/2016.

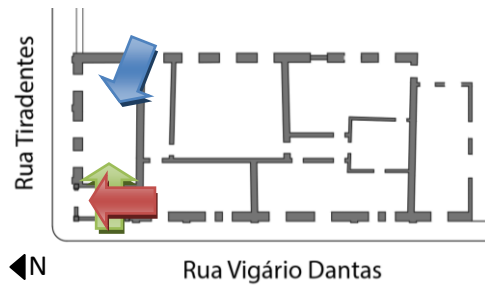


Foto 31. Cômodo do pavimento superior que dá acesso à varanda que foi fechada. Data: 21/05/2016.



Foto 32. Janela acrescida à varanda que foi fechada. Data: 21/05/2016.



Foto 33. Cômodo do pavimento superior que dá acesso à varanda que foi fechada. Data: 21/05/2016.

MAPAS DE DANOS

LEVANTAMENTO MÉTRICO ARQUITETÔNICO

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO – RESTAURO E NOVO USO

O projeto proposto busca a requalificação do complexo arquitetônico da Residência Olympio de Freitas Costa, através de um programa desenvolvido com o intuito de reinserir o edifício na dinâmica urbana local, tendo como premissa suas características de elemento histórico e de memória. Para isso, propõe-se a intervenção de restauração e conservação na obra, garantindo sua continuidade física da melhor maneira possível às gerações futuras, além de possibilitar a permanência do bem e a construção de novos significados e valores.

Para se alcançar estes objetivos, além do restauro no imóvel, o trabalho propõe também a construção de um anexo contemporâneo no restante do terreno no qual o casarão se encontra implantado, contribuindo para a valorização de todo o projeto. Entende-se que é de fundamental importância para a manutenção adequada de qualquer bem de valor cultural o estabelecimento de usos compatíveis com suas características físicas e materiais. Desta forma, decidiu-se por um programa com a readequação de usos e a ocupação por novos usos, de forma a valorizar todo o trabalho assim como a região onde o trabalho se localiza, uma área nobre da cidade de Uberlândia, de alto valor econômico.

A restauração da Residência Olympio de Freitas Costa tem como intuito primordial devolvê-la à comunidade, respeitando seus valores. Dessa forma, a proposta tem como objetivo principal promover a reintegração física do bem, de maneira que as intervenções serão realizadas para garantir a preservação de suas características originais de fachadas, volumetria, materialidade e implantação, não sendo permitidas modificações que a descaracterizem.

Serão realizadas análises, tais como: prospecção das paredes, a fim de se encontrar as cores e pinturas decorativas internas originais; prospecção dos barotes dos pisos, buscando analisar sua condição estrutural, assim como da cobertura, que terá suas telhas atuais de amianto substituídas por telhas cerâmicas, como originalmente.

Os pisos não originais das áreas sociais serão substituídos por tabuado de madeira (mais condizente com a estrutura do assoalho), de forma a propiciar uma melhor relação com os revestimentos da época da construção, que ainda podem ser encontrados em alguns cômodos.

Nos espaços internos, a altura do pé direito da época da construção será recuperada, retirando-se os forros de gesso ainda que cobrirem o forro de madeira.

Na cozinha, as novas instalações elétricas e hidráulicas serão em conduítes aparentes, para não prejudicar a estrutura das paredes (mínima intervenção).

Os acréscimos feitos ao longo do tempo, que destoam ou comprometem a edificação, como o fechamento da varanda; os pisos e forros não originais; as portas e aberturas acrescidas; além das grades nas janelas, serão retirados. Mesmo com a subtração das últimas, a segurança estará assegurada por meio de dispositivos de alarme que serão instalados.

Já as demolições não serão refeitas, de modo que o antigo alpendre e as escadas que levavam ao primeiro pavimento serão substituídos por novas e contemporâneas estruturas que tratarão de suprir a função de acesso que esses elementos tinham em outrora.

A acessibilidade estará garantida por meio de uma plataforma elevatória que fará a ligação entre a nova passarela do primeiro pavimento e o piso térreo.

As intervenções propostas buscam não apenas proteger o edifício de grandes modificações, mas também propiciar uma arquitetura que seja capaz de estabelecer uma relação entre o bem a ser restaurado e o anexo a ser construído, se apresentando de maneira compatível às características do imóvel, respeitando-as e garantindo a sua integridade.

Como estratégia, decidiu-se por dar um novo uso ao casarão, que funcionará como um espaço gastronômico, dispondo de diversos espaços e programa variado, que contempla a conservação das características originais do prédio e define a construção de um edifício contemporâneo no restante do terreno, onde antes se localizavam os anexos que tinham sido construídos para melhor abrigar o programa escolar.

No pavimento superior do bem que será restaurado, ficarão os espaços que não pedem grandes modificações, como a parte administrativa do complexo; um grande ambiente interligado de empório e café; banheiros; e uma cozinha. O porão também contará

com cozinha, a fim de servir ao espaço externo do café, além de espaços de depósitos.

O anexo será basicamente em estrutura de concreto e vidro, ou seja, pensado a partir de um partido minimalista e de inspiração na arquitetura brutalista, com uma estética geometrizada e sem ornamentos, a fim de se evidenciar a distinguibilidade entre o mesmo e o casarão histórico.

No piso térreo da nova construção, se localizarão cinco espaços comerciais; banheiros; depósitos; DML; e a casa de gás. No pavimento superior ficará a escola de gastronomia, com recepção; duas cozinhas para aulas práticas; área de degustação; uma sala de aula teórica; sala dos professores; e dois banheiros para funcionários e alunos.

O gabarito entre os dois edifícios será semelhante, de modo que o mais recente não se sobreporá ao objeto de restauro.

Serão três acessos distintos para pedestres: um na fachada da Rua Tiradentes (onde antes era a entrada original do casarão); outro na Rua Vigário Dantas, na área externa de convivência, entre a Residência Olympio de Freitas Costa e o anexo a ser construído; e o último ficará na Rua XV de Novembro, com acesso imediato à nova edificação. Por meio deles, promover-se-á uma circulação em todo o terreno. Haverá ainda um estacionamento subterrâneo para veículos, que será pago a fim de auxiliar na sustentabilidade econômica do restauro da Residência Olympio de Freitas Costa, já que, juntamente com os espaços comerciais propostos no projeto, gerará recursos e renda para a conservação do edifício.

PROGRAMA PARA O EDIFÍCIO A SER RESTAURADO

PAVIMENTO SUPERIOR

- _ Administração: 32,65 m²
- _ Varanda: 8,25 m²
- _ Empório/café: correspondente a 3 cômodos, área total de 174,20 m²
- _ Cozinha do café: 33,25 m²
- _ Banheiros públicos: 13,29 m²

PORÃO

- _ Cozinha do café: 25,45 m²
- _ Depósitos: cada um dos cômodos restantes no porão servirão de depósitos (áreas variadas)
- _ Banheiros de funcionários: 11,50 m²

PROGRAMA PARA O ANEXO CONTEMPORÂNEO

TÉRREO

- _ Espaços comerciais (cinco): dois de 26,60 m², dois de 30,50 m² e um de 42 m²
- _ Espaço externo do café: 50,00 m³
- _ Espaço de convivência e circulação: 148,00 m²
- _ Banheiros públicos: 19,00 m²
- _ DML: 9,40 m²
- _ Depósitos (dois): 11,28 m² cada
- _ Casa de gás: 4,50 m²

PAVIMENTO SUPERIOR

- _ Recepção da escola de gastronomia: 13,20 m²
- _ Cozinhas para aulas práticas (duas): 32,54 m² cada
- _ Área de degustação: 18,00 m²
- _ Sala de aula teórica (uma): 21,00 m²
- _ Sala dos professores: 26,45 m²
- _ Banheiros para alunos e funcionários da escola: 28 m²

SUBSOLO – ESTACIONAMENTO

- _ 20 vagas de estacionamento pago (sendo duas para deficientes): 598,65 m²
- _ Sala de manutenção do elevador: 11,47 m²

LISTAGEM DE SERVIÇOS DE RESTAURO

- ALVENARIAS
 - _ Remoção de algumas alvenarias internas com reforço de viga metálica
 - _ Vedações internas em dry wall
 - _ Selamento das fissuras superficiais
 - _ Reposição de reboco
 - _ Parades a construir - acréscimo com dry wall

- COBERTURAS
 - _ Revisão estrutural da cobertura, com possíveis substituições de peças danificadas
 - _ Substituição das telhas de amianto por telhas cerâmicas conforme originalmente
 - _ Substituição de calhas e rufos por peças novas

- PISOS
 - _ Restauração dos pisos originais
 - _ Prospecção cabeça de barrotes
 - _ Nivelamento do piso do porão (novo cimento queimado)

- FORRO
 - _ Restauração dos forros de madeira identificados como originais
 - _ Remoção do que ainda resta do forro de gesso que cobre o forro original

- ABERTURAS – JANELAS E PORTAS
 - _ Remoção das folhas das portas e janelas para restauração
 - _ Restauração das esquadrias existentes, limpeza das peças,
 - _ Tratamento das áreas oxidadas, substituição dos vidros quebrados

- PINTURA
 - _ Refazimento de toda a pintura com a tonalidade original encontrada através de prospecções
 - _ Refazimento das pinturas decorativas internas encontradas através de prospecções

- INSTALAÇÕES ELÉTRICAS
 - _ Revisão e substituição geral das instalações elétricas

- ACESSOS
 - _ Construção de novas escadas e de uma passarela em estrutura metálica a fim de promover o acesso ao pavimento superior da residência

ORIENTAÇÕES TÉCNICAS E RECOMENDAÇÕES GERAIS

- As etapas de cada trabalho deverão ser orientadas por profissionais competentes responsáveis pela execução do projeto.
- Qualquer trabalho a ser executado deve ser precedido das necessárias prospecções para se evitar danos irremediáveis ao patrimônio.
- Todas as fases de prospecção e realização dos trabalhos deverão ser fartamente documentadas, através de fotografias e relatórios, para posterior apreciação e indicação para intervenções futuras.
- O entorno próximo poderá ser utilizado para a instalação do canteiro de obras tomando-se os devidos cuidados para não danificar o edifício.
- A área de trabalho deverá permanecer constantemente limpa e desimpedida de entulhos.
- Os andaimes serão autoportantes, não podendo, em hipótese alguma, apoiar-se nas paredes do edifício.
- Quando da execução dos serviços de restauração, os trabalhos devem ter procedimentos idênticos ou semelhantes ao sistema original. As substituições somente serão feitas quando o elemento original não tiver condições de ser recuperado.
- Todo material utilizado deverá ser da melhor qualidade, procurando sempre que possível utilizar material similar ao original.
- Qualquer elemento a ser retirado por imposições técnicas deverá ter sua posição registrada previamente de forma a possibilitar o respeito rigoroso de sua reposição na situação original.
- Quando da recuperação das esquadrias, todos os detalhes deverão ser idênticos aos modelos originais destes encaixes, largura e espessura das tábuas. Toda a madeira a ser usada para recuperação das esquadrias deverá estar completamente seca e isenta de nós.
- O destelhamento será feito com a utilização de lona para cobertura e proteção do edifício.
- Todos os trabalhos de carpintaria deverão ser executados por pessoal técnico habilitado e experimentado, devidamente assistido por mestre carpinteiro, que verificará a perfeita ajustagem de todas as peças.
- Os preenchimentos de reboco deverão ser executados com a mesma textura de reboco existente, devendo a reposição dos revestimentos ser efetuada com argamassa semelhante à original. As superfícies serão desempenadas com colher, não se usando desempenadeiras.
- Todo madeiramento a ser empregado na obra deverá estar completamente seco para evitar que as tábuas se empenem ou o apodrecimento de frestas no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CUNHA, Cláudia dos Reis. Alois Riegl e o culto moderno dos monumentos. Revista Vitruvius nº 054.02, ano 05, jun. 2006.
- CUNHA, Cláudia dos Reis. Restauração: método e projeto. Revista Vitruvius nº 069.03, ano 06, set. 2007.
- FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. Anais do Museu Paulista Nova Série nº 1, São Paulo, 1993.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização – Problemas Teóricos de Restauo. Cotia, SP: Ateliê Editorial/FAPESP, 2008.
- LEMOS, Carlos A. C. Alvenaria Burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. 2ª ed. São Paulo: Nobel, 1989.
- LEVY, Hanna. Valor histórico e valor artístico: Importante problema da história da arte. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 4. Rio de Janeiro, 1940.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, Vol. 1. São Paulo, 2009.
- PENA, Luciano Macedo. Inventário do Colégio Anchieta. Trabalho acadêmico realizado na disciplina Técnicas Retrospectivas, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal de Uberlândia, 2004.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- SCHERNER, Anna Cristina et alli. Processo de Tombamento: Imóvel Rua Tiradentes, 77 – Colégio Anchieta. Trabalho acadêmico realizado na disciplina Técnicas Retrospectivas, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal de Uberlândia, 1999.
- TEIXEIRA, Manuel. Traçados urbanos portugueses, simbiose de culturas. Espaços e paisagens: antiguidade clássica e heranças contemporâneas, Vol. 3. Coimbra, 2012.
- VALE, Marília Maria Brasileiro Teixeira et alli. Fundinho: Um bairro histórico para Uberlândia – Inventário e diretrizes especiais de uso e ocupação do solo, 2004. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.
- Archdaily.
www.archdaily.com/100778/culinary-art-school-gracia-studio. Acesso em: janeiro de 2017.
- Brasil Arquitetura.
www.brasilarquitetura.com/projetos/museu-rodin-bahia. Acesso em: janeiro de 2017.

- Culinary Art School.

www.culinaryartschool.edu.mx/galeria/. Acesso em: janeiro de 2017.

- Galeria da Arquitetura.

www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/brasil-arquitetura_/museu-rodin-bahia/2799

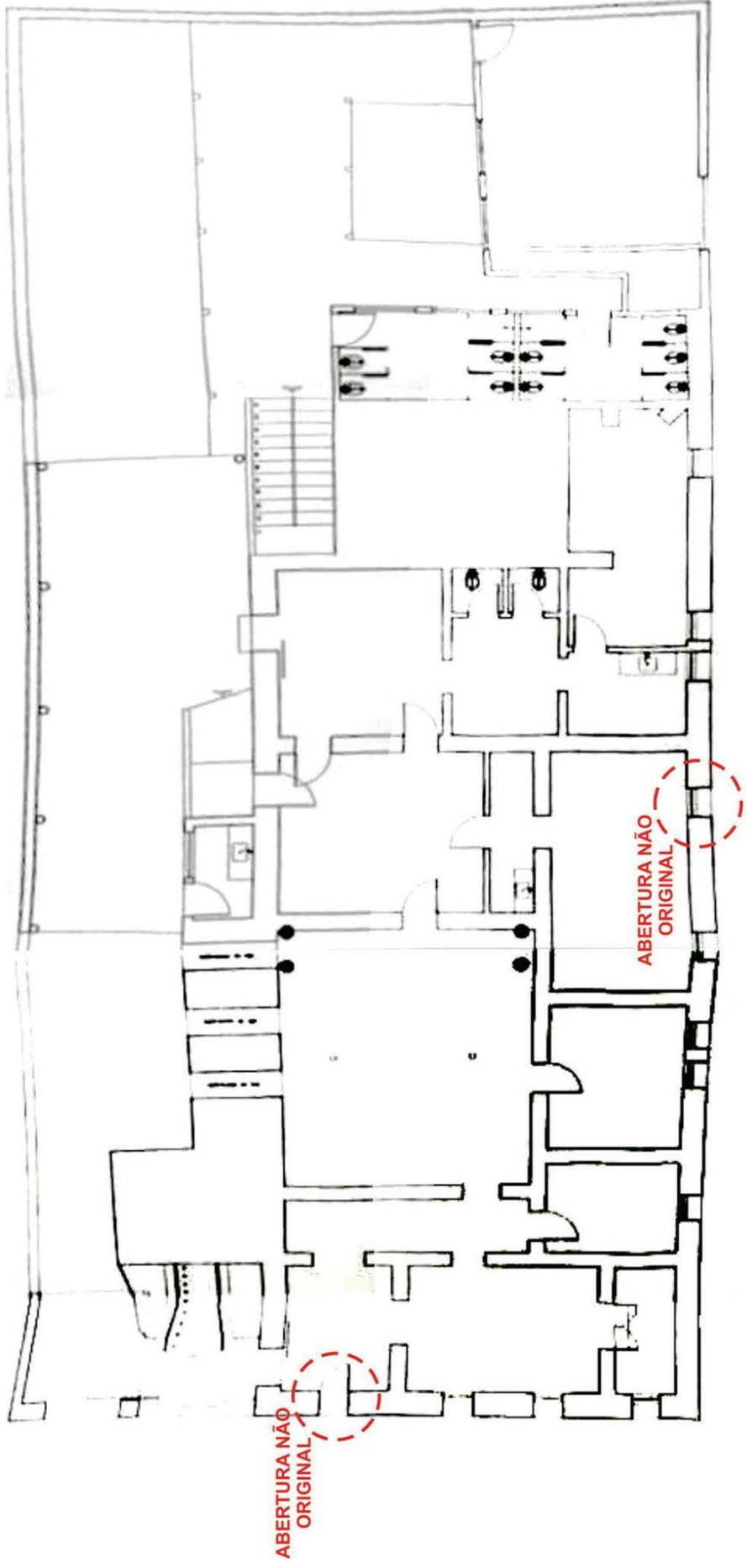
Acesso em: janeiro de 2017.

- Palacete das Artes.

www.palacetedasartes.ba.gov.br/. Acesso em: janeiro de 2017.

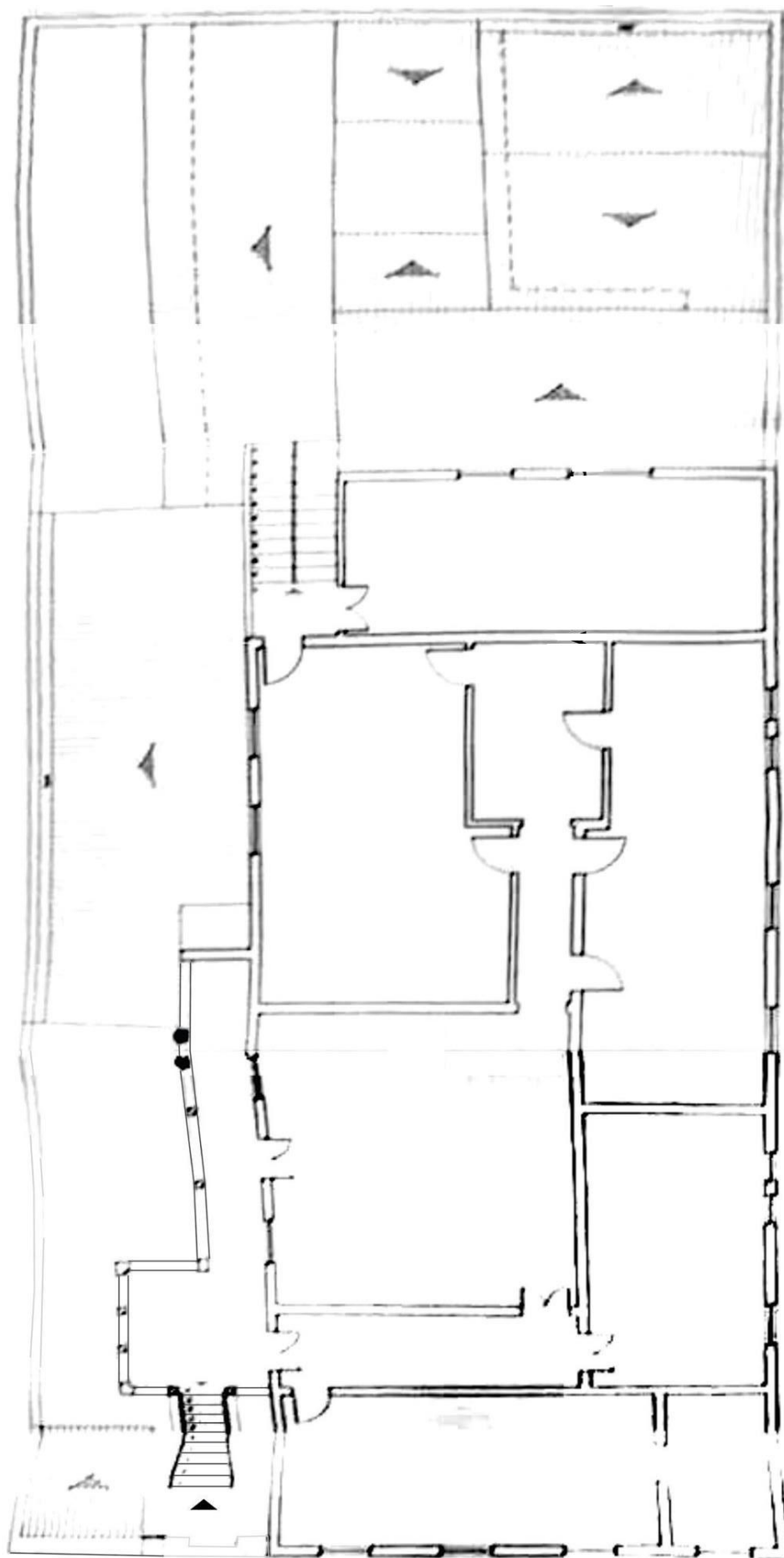
ANEXOS

- Ficha de inventário da residência (2004).
- Croquis das plantas baixas do porão e do primeiro pavimento da Residência Olympio de Freitas Costa, realizados para a disciplina Técnicas Retrospectivas no ano de 2014, mostrando como a casa se encontrava naquele momento.
- Pranchas de projeto.



ABERTURA NÃO ORIGINAL

ABERTURA NÃO ORIGINAL



ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS

01. Município: Uberlândia

02. Distrito: Sede

03. Designação: Colégio Anchieta

04. Endereço: Rua Tiradentes nº 77, Fundinho.

05. Propriedade: Euler Lanes Bernardes

06. Responsável: Eunice Pereira Borges Ricardo

07. Histórico:

O imóvel construído originalmente como residência, foi adquirido por Olympio de Freitas Costas, na década de 1920, ainda inacabada. Olympio da Costa veio para a região em busca de trabalho na construção da ferrovia da Companhia Mogiana. Com seu falecimento em 1958, a residência foi herdada por seus filhos, sendo vendida em 1961 para o atual proprietário Euler Lanes Bernardes. O imóvel já abrigou os Colégios Objetivo e Anchieta. Recentemente, após um período desocupado, foi alugado para o Colégio Federal.

08. Descrição:

O imóvel apresenta características da arquitetura eclética produzida em Uberlândia no início do século XX, com porão alto e alpendre com acesso lateral. Está implantada no limite frontal e lateral direito do lote, com afastamento posterior e lateral esquerdo parcial. Na parte posterior do lote foram construídos dois anexos, e uma ampliação da cobertura na lateral esquerda. A edificação, construída em alvenaria estrutural com base em pedra, possui apenas um pavimento elevado do solo e um porão com pé direito utilizável. A planta retangular apresenta um alargamento no alpendre, na lateral esquerda, onde se tem o acesso principal. No alpendre está localizada a entrada pra o hall, de onde se tem acesso a três grandes salas. Uma dessas salas também possui acesso pelo alpendre e por um corredor que faz a ligação dos outros cômodos. As esquadrias originais são em madeira e vidro, nas janelas foram acrescentadas grades metálicas. O piso original em tabuado corrido foi parcialmente mantido, em algumas salas foi substituído por placas de laminado de madeira.

09. Documentação Fotográfica:



Nos outros espaços estão presentes pisos cerâmicos, ladrilho hidráulico e cimentado. O forro original, em régua de madeira trabalhada, foi em grande parte preservado, mas, em alguns locais, foi substituído por gesso. A cobertura composta é ocultada pelo ático apenas na fachada frontal e lateral direita, nas demais apresenta

beiral. A fachada frontal é dividida em três panos definidos por pilastras adoçadas, no pano central duas janelas de verga reta dispostas simetricamente, no pano lateral esquerdo uma janela centralizada, na esquina uma janela metálica, no local onde havia uma varanda. A fachada voltada para a Rua Vigário Dantas apresenta um eixo de simetria quebrado apenas pelo módulo da esquina. São oito janelas organizadas a partir de um ritmo. Assim, como a outra elevação está dividida por pilastras adoçadas, mas nesse caso em seis panos. As duas fachadas são arrematadas por ático contínuo com medalhões e frontão recortado na parte central. Apresentam também elementos decorativos em massa na sobreverga e no peitoril das janelas.

10. Uso Atual:	11. Situação de Ocupação:
<input type="checkbox"/> Residencial <input checked="" type="checkbox"/> Serviço <input type="checkbox"/> Comercial <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Industrial <input type="checkbox"/> Outros	<input type="checkbox"/> Própria <input checked="" type="checkbox"/> Alugada <input type="checkbox"/> Cedida <input type="checkbox"/> Comodato <input type="checkbox"/> Outros

12. Proteção Legal Existente	13. Proteção Legal Proposta:	
<input type="checkbox"/> Tombamento <input type="checkbox"/> Municipal <input type="checkbox"/> Federal <input type="checkbox"/> Estadual <input checked="" type="checkbox"/> Nenhuma	<input type="checkbox"/> Tombamento Federal <input type="checkbox"/> Tombamento Estadual <input checked="" type="checkbox"/> Tombamento Municipal <input type="checkbox"/> Entorno de Bem Tombado <input type="checkbox"/> Documentação Histórica <input type="checkbox"/> Inventário	<input checked="" type="checkbox"/> Tombamento Integral <input type="checkbox"/> Tombamento Parcial <input type="checkbox"/> Fachadas <input type="checkbox"/> Volumetria <input type="checkbox"/> Restrições de Uso e Ocupação

14. Análise do Entorno - Situação e Ambiência:
 O imóvel está implantado em uma esquina do Bairro Fundinho, área onde se originou o povoado que viria a constituir a cidade de Uberlândia. A área conserva, parcialmente, o arruamento original com ruas e calçadas estreitas; é ocupada, predominantemente, por construções de uso residencial unifamiliar, com tendência a substituição por comércio e serviços. As duas ruas são asfaltadas, com uma pista de rodagem e uma de estacionamento. Os passeios são estreitos, com 1,0m de largura. Não há arborização nesta área, que se apresenta toda edificada, embora com pouca densidade. A área, pela proximidade ao centro, sofre forte pressão imobiliária para sua verticalização.

15. Estado de Conservação:

<input type="checkbox"/> Excelente	<input checked="" type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Péssimo
------------------------------------	---	----------------------------------	----------------------------------

16. Análise do Estado de Conservação:
 O edifício mantém sua integridade estrutural. O telhado foi revisado recentemente, com reposição das telhas com problemas. As esquadrias originais, em madeira, apresentam pintura desgastada, perda de material e introdução de peças diferentes das originais, com conseqüente descaracterização. O piso em tabuado de madeira apresenta algumas peças danificadas. Os forros em madeira apresentam pintura nova, mas têm problemas causados por ataque de cupins e presença de umidade.

17. Fatores de Degradação:
 Os principais fatores de degradação são a infiltração de águas pluviais, o desgaste dos materiais decorrente do tempo de uso e a manutenção inadequada do imóvel.

18. Medidas de Conservação:
 Manutenção adequada, com a preservação das características originais do imóvel.

19. Intervenções:
 Ao longo do tempo o imóvel sofreu interferências de adequação, algumas descaracterizantes. A varanda localizada na esquina foi fechada, passando a fazer parte de uma das salas. Em alguns cômodos o forro em madeira foi substituído por gesso, assim como o piso em tabuado de madeira foi substituído por placas de laminado de madeira. As janelas originais receberam grades metálicas, algumas esquadrias foram substituídas por peças diferentes. Foram feitas aberturas na fachada, no nível do porão, que não seguem um alinhamento ou uma proporção, comprometendo a harmonia da composição da fachada. As telhas cerâmicas do tipo francesa foram trocadas por telhas de fibrocimento. Foram construídos dois anexos na parte posterior do lote, assim como uma cobertura na lateral esquerda. O gradil metálico existente no acesso principal foi retirado, no seu lugar foi introduzido um portão em chapa de aço dobrada.

20. Referências Bibliográficas:

Referências Complementares:
 OLIVEIRA, Ingrid Assis Pinto. *Inventário do Colégio Anchieta*. Trabalho acadêmico realizado na disciplina

Técnicas Retrospectivas, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal de Uberlândia. Setembro de 2002.

21. Informações Complementares:

O imóvel situa-se no Bairro Fundinho - definido pela Lei Municipal Complementar nº 245, de 05 de dezembro de 2000, que dispõe sobre o Parcelamento e Zoneamento do Uso e Ocupação do Solo do Município de Uberlândia, como Zona Especial de Revitalização.

22. Atualização de Informações:

23. Ficha Técnica:

Fotografias: Luciano Macedo Pena

Data: Dezembro de 2003.

Elaboração: Luciano Macedo Pena

Data: Janeiro de 2004.

Revisão: Giovana Damis Vital / Rodrigo Moretti

Data: Abril de 2004.